



Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Tecnologias e Arquitectura

Departamento de Arquitectura e Urbanismo

Mestrado Integrado em Arquitectura

Projecto Final de Arquitectura 2015|2016

Rita da Conceição Maçarico Ferreira 54986

PARTE I VERTENTE PRÁTICA

A CIDADE, O PORTO E A ARTE: RESIDÊNCIA ARTÍSTICA EM SINES

Grupo de trabalho

Tema: Residências Artísticas

Ana Sofia Simões; Joana Roxo; Rita Ferreira

Parte individual

A CIDADE, O PORTO E A ARTE: RESIDÊNCIA ARTÍSTICA EM SINES

Tutor

Professor Doutor José Neves, Professor Auxiliar Convidado do ISCTE-IUL

PARTE II VERTENTE PRÁTICA

CONTINUIDADE EM SEIS OBRAS DE EDUARDO SOUTO DE MOURA

Orientador

Professor Doutor Pedro Mendes, Professor Auxiliar do ISCTE-IUL

Trabalho de projecto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura.

As fotografias e as figuras que compõem este trabalho são da autoria do grupo de trabalho ou de autor, excepto quando indicação contrária. Na vertente prática as fotografias das referências foram retiradas de várias fontes da internet.

O presente trabalho não foi escrito ao abrigo do novo acordo ortográfico.

Lisboa, Outubro de 2016.

AGRADECIMENTOS

Aos professores José Neves e Pedro Mendes,
pela dedicação, disponibilidade e os conhecimentos transmitidos.

Aos restantes professores do DAU,
pelo conhecimento transmitido ao longo do meu percurso enquanto estudante de arquitetura.

Aos funcionários do Arquivo de Sines, da Divisão de Ordenamento do Território da CMS e da Central Termoelétrica de Sines,
pela atenção dedicada e disponibilidade para a realização de visitas.

Ao Arquivo do Atelier de Eduardo Souto Moura,
sem o qual seria difícil representar as obras em estudo.

Aos colegas,
que me acompanharam diariamente.

Aos amigos,
mesmo os mais distantes, que sempre me mostraram apoio, pela ajuda, pelos sorrisos e gargalhadas.

À minha irmã,
pela paciência.

Aos meus pais,
porque sem eles este *percurso* seria impossível.

ÍNDICE GERAL

VERTENTE PRÁTICA

- | | |
|----|-------------------------------------|
| 15 | 1. ENQUADRAMENTO URBANO E HISTÓRICO |
| 31 | 2. RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS |
| 42 | 3. PROPOSTA DE GRUPO |
| 55 | 4. PROPOSTA INDIVIDUAL |

VERTENTE TEÓRICA

103	1. INTRODUÇÃO
113	2. O PROCESSO ARQUITECTÓNICO
135	3. INSTRUMENTOS DA ARQUITECTURA: TIPOLOGIA
159	4. EDUARDO SOUTO DE MOURA
223	5. CONCLUSÃO
235	6. BIBLIOGRAFIA
241	ÍNDICE DE IMAGENS





VERTENTE PRÁTICA PFA 2015/2016
A CIDADE, O PORTO E A ARTE: RESIDÊNCIA ARTÍSTICA EM SINES

1. ENQUADRAMENTO URBANO E HISTÓRICO

15 “PORTO DO ALENTEJO”

18 EVOLUÇÃO DA CIDADE

2. RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS

31 SEIS CASOS DE ESTUDO DE RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS

34 O EDIFÍCIO

35 A RESIDÊNCIA

36 O ARTISTA

3. PROPOSTA DE GRUPO

42 REFERÊNCIAS

45 A CIDADE, O PORTO E A ARTE: RESIDÊNCIA ARTÍSTICA EM SINES

46 PROGRAMA

4. PROPOSTA INDIVIDUAL

55 ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO

61 REFERÊNCIAS

66 PROPOSTA

1. ENQUADRAMENTO URBANO E HISTÓRICO

“PORTO DO ALENTEJO”¹

*“A meio da Costa Alentejana a terra projeta-se sobre o mar. Um maciço rochoso ergue-se das águas e protege do vento uma acolhedora baía, aberta a sul, cuja história é indissociável da geografia. Até o nome, Sines, parece derivar da palavra latina *Sinus* que significa seio ou enseada. O mar marca o passado, o presente e o futuro deste lugar aberto ao mundo. Sines revê-se na figura do seu filho mais famoso, Vasco da Gama, que viveu a sua infância no castelo e certamente ouviu os relatos das façanhas dos velhos pescadores, cujos descendentes ainda se reúnem nos largos abertos sobre o mar a adivinhar a aproximação dos temporais. Um dos seus lugares favoritos fica à sombra da estátua do navegador, que parece questionar, como eles, o horizonte.*

O mundo passa pelos olhos desta gente. Viram chegar comerciantes, fenícios e romanos, engenheiros militares italianos e franceses que planearam a sua defesa e o seu porto. Comerciantes ingleses, alemães e catalães construíram casas e fábricas de cortiça e conservas para exportação. Pescadores de norte do país ou do Algarve chegaram em busca do abundante pescado e navios franceses partiam daqui carregados de lagostas para os melhores restaurantes do país. Hoje, enormes navios de todo o mundo avistam-se dos muros da praia transportando contentores e combustíveis. A todos Sines soube e sabe receber com cordialidade e curiosidade.

O centro da cidade ainda reserva a sua estrutura medieval, de um urbanismo planeado, com ruas paralelas ao mar cruzadas por travessas perpendiculares e a sua praça central. Nele destaca-se o Castelo, que desde o século XIV manteve à distância os visitantes indesejáveis: principalmente piratas e corsários, interessados em pilhar as riquezas da terra. Hoje é o palco do Festival Músicas do Mundo, onde se celebra a diversidade cultural que Vasco da Gama e os outros descobridores portugueses revelaram ao mundo.

Seguindo o Castelo encontramos, quase a tocar nas muralhas, a Igreja Matriz, dedicada ao Salvador. Esta ligação quase umbilical reflete a ação que a Ordem de Santiago tinha, quer na esfera militar quer religiosa, como é patente no seu símbolo: uma cruz que é uma espada, visível sobre a porta principal da Igreja. Saindo da Matriz encontramos a Igreja da Misericórdia e o Centro Cultural Emérico Nunes, que deve ser o impulso inicial ao poeta Al Berto, que aqui desenvolveu um projeto pioneiro de divulgação da arte contemporânea, associado ao nome de um dos maiores ilustradores do modernismo, que viveu grande parte da sua vida em Sines.

Deste largo admira-se uma das melhores vistas sobre o mar e a praia Vasco da Gama, a que se acede pelas escadarias do muro da praia, um acesso cenográfico entre cruzado de escadas, rampas e patamares ajardinados da década de 1930. Se descer à praia poderá admirar o casario que espreita do cimo da barroca. Estamos na tradicional praia do Alentejo, lugar ganho pelos banhistas aos pescadores que durante séculos aqui se dedicaram a remendar redes das antigas armações de pescas e vendiam, expostos no areal, o peixe que ainda hoje faz a fama dos restaurantes de Sines. Se seguir pela crista da falésia, em direção a poente, encontra outros importantes vestígios da passagem de Vasco da Gama. Passa pelo Largo dos Penedos da Índia e

depois pelo local onde o navegador começou a construir a sua casa. O rei D. Manuel havia-lhe prometido o senhorio da vila mas a Ordem de Santiago opôs-se, o que provocou graves conflitos, o rei resolveu o problema expulsando Vasco da Gama de Sines.

Mais á frente ergue-se outro testemunho importante desta querela: a Igreja de Nossa Senhora das Sala. Construída logo após o regresso da Índia como agradecimento pelo bom sucesso na expedição, veio substituir uma pequena ermida fundada pela princesa grega D. Vataça Lascarís, de que os Gama eram muito devotos. A festa religiosa realiza-se a 15 de Agosto e inclui uma procissão marítima. Frente à igreja erguem-se os armazéns onde os antigos pescadores guardavam os aprestos e o sal. Se seguir pela Rua do Forte chega aos antigos armazéns da Ribeira e aos vestígios da vetusta Calheta. As rampas e muros de suporte que aqui encontramos foram projetados por alguns dos melhores engenheiros militares portugueses. Este conjunto era protegido pelo Forte do Revelim. Deste pequeno Forte seiscentista pode hoje avistar-se o Porto Industrial constituído nos anos 1970 e o Oceano. Sobre o Cabo de Sines, ponto de partida de um areal que, percorrendo toda a parte Norte da Costa Alentejana, só irá terminar na Península de Troia, com a Arrábida à vista.”¹

¹ REGENERAÇÃO URBANA DE SINES - “Porto do Alentejo” In Sines. Roteiro do Centro Histórico [Documento icónico].

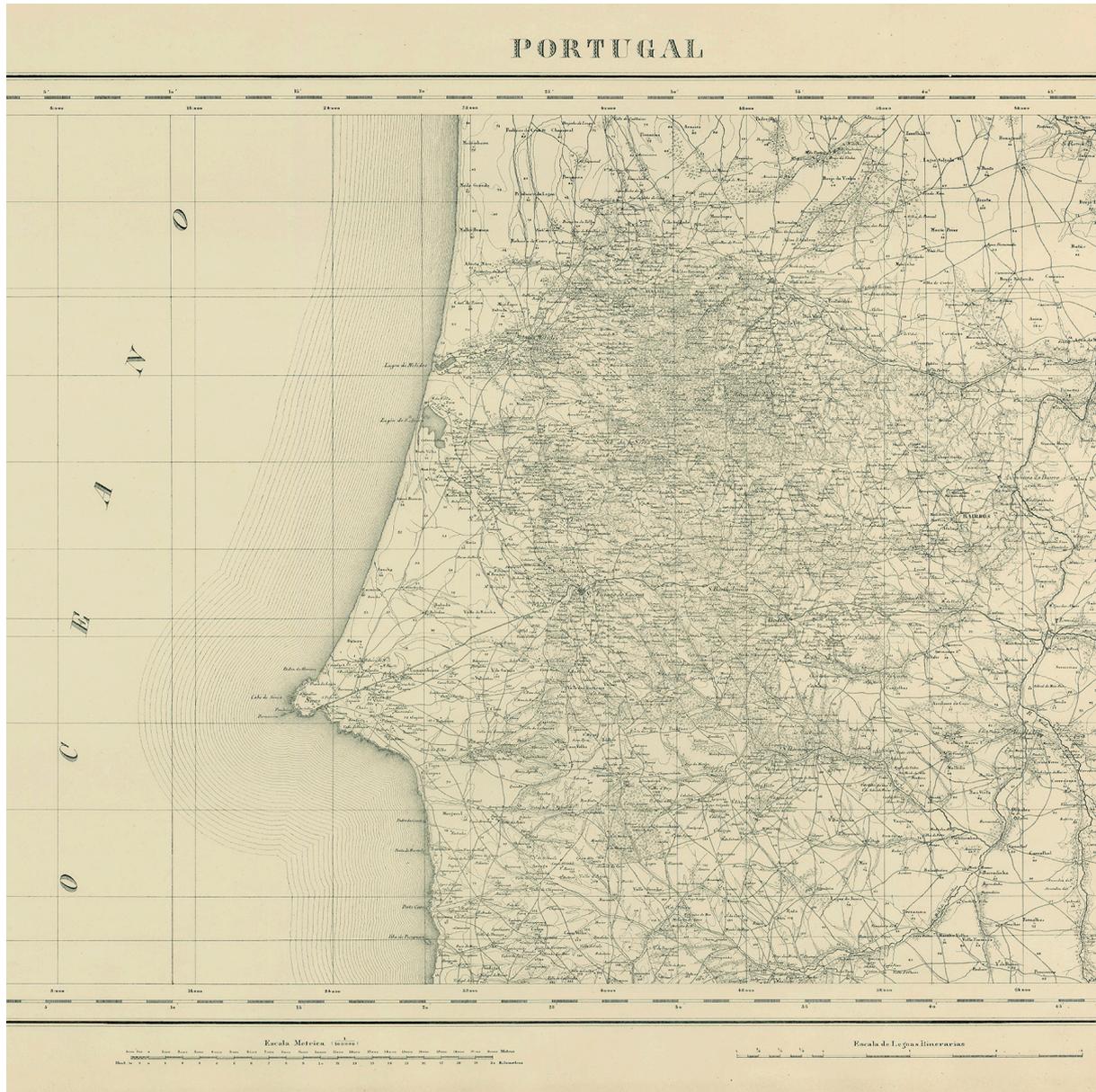


Figura 1. Levantamento de 1877 da Direcção Geral dos Trabalhos Geodésicos do Reino.

EVOLUÇÃO DA CIDADE



Figura 2. Mapa do núcleo de Sines, 1790.

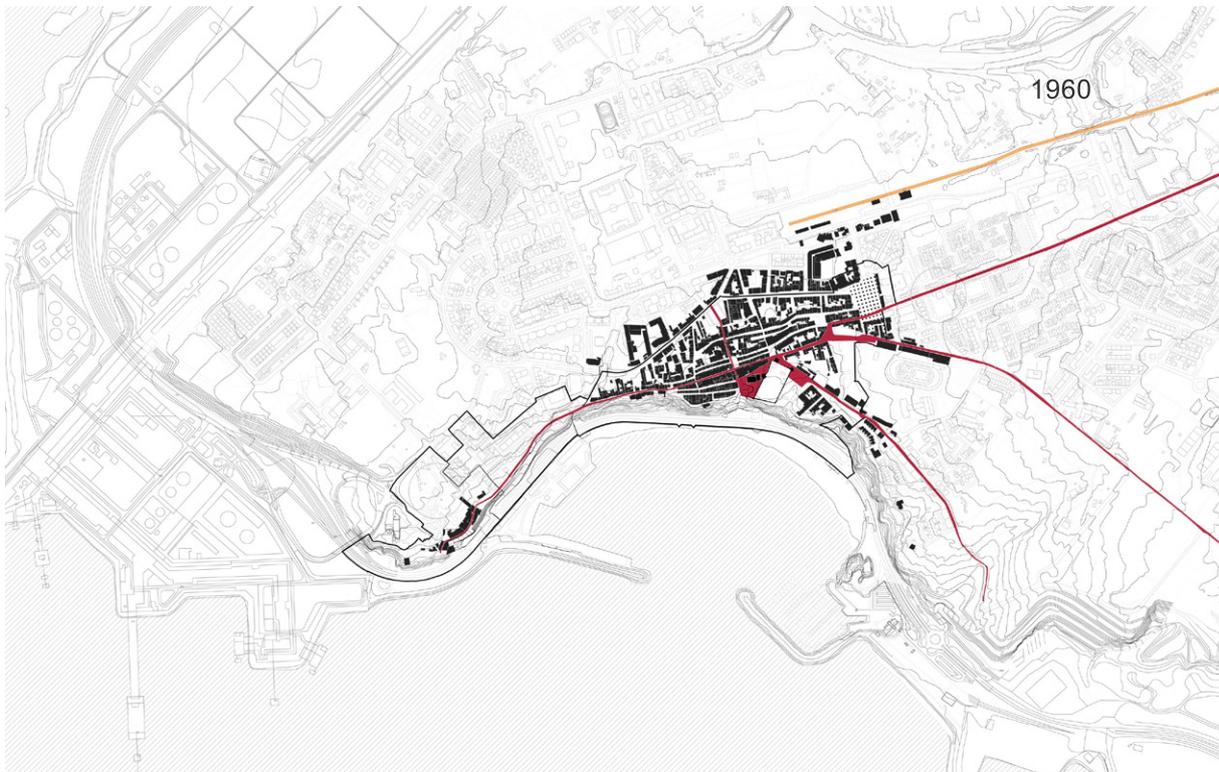


Figura 3. Mapa do núcleo de Sines, 1960.

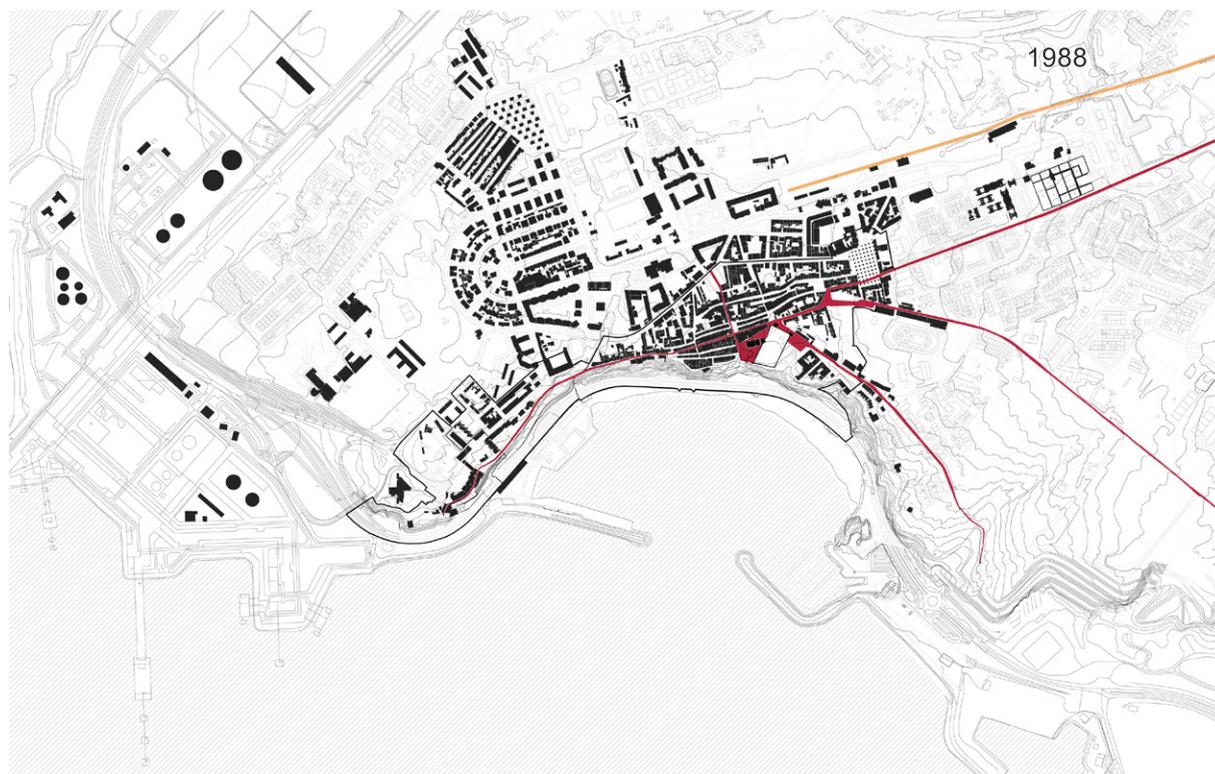


Figura 4. Mapa do núcleo de Sines, 1988.



Figura 5. Mapa do núcleo de Sines, 2005.



Figura 6. Fotografia de Sines nos anos 70. (Arquivo Municipal de Sines) Figura 7. Fotografia Aérea (Arquivo Municipal de Sines) Figura 8. Baía de Sines 1951 (Arquivo da Marinha)



Figura 9. Ortofotomapa de Sines 1940 (Arquivo Municipal de Sines)

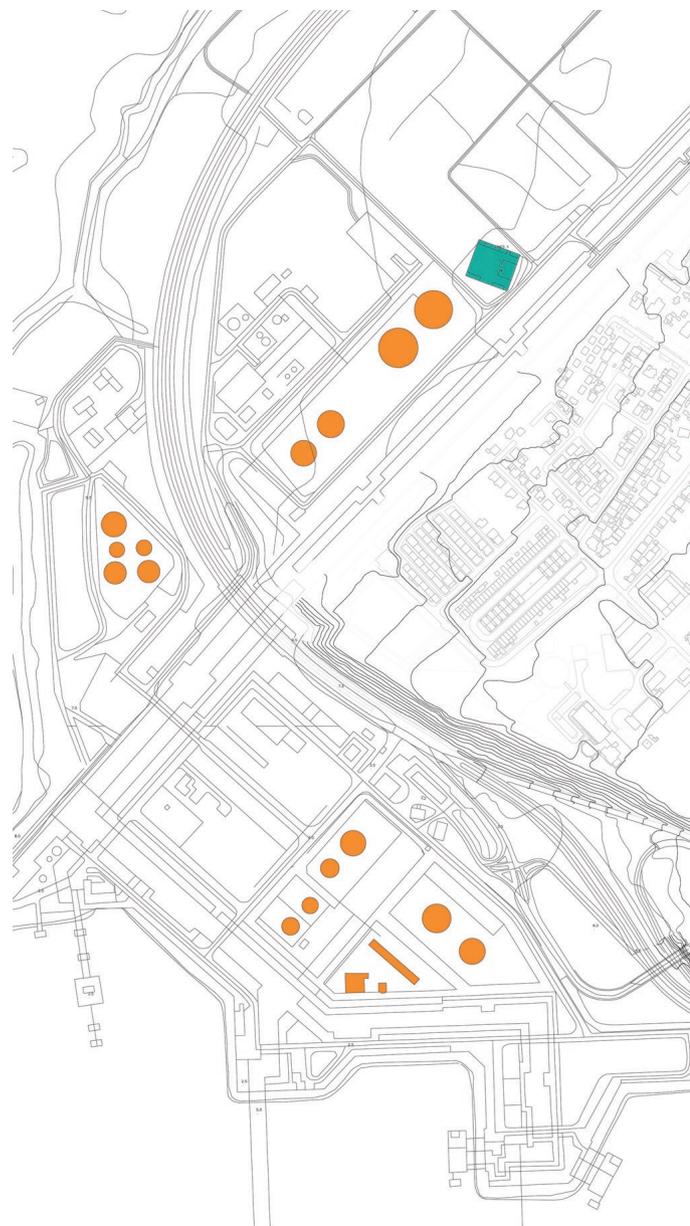
-  Falésia
-  Portos e área industrial
-  Oleoduto
-  Marginal
-  Praia





Figura 10. Mapa de Zoneamento.

1. Porto Industrial
2. APS Administração dos Portos de Sines e do Algarve
3. Forte do Revelim
4. Casa de St.^a Isabel
5. Calheta
6. Igreja de N.^a Sr.^a das Salas
7. Porto de Pesca
8. Lota
9. GNR
10. Santa Casa da Misericórdia
11. Casa Vasco da Gama
12. Casa “A Portuguesa”
13. Casa do Conde do Bracial (Hotel)
14. Centro Cultural Emmerico Nunes
15. Casa “A Primorosa”
16. Igreja Matriz
17. Igreja da Misericórdia
18. Escola de Artes do Alentejo Litoral
19. Castelo e Museu de Sines
20. “Adega de Sines”
21. Centro de Artes de Sines
22. Mercado
23. Escola Primária N.º1
24. Complexo Desportivo Escolar
25. Escola Vasco da Gama
26. Edifício Portuário
27. Finanças
28. Escola de Artes
29. Clínica de saúde
30. Quartel Bombeiros
31. Casa Pidwell
32. Escola Secundária
33. Complexo Desportivo Escolar
34. Parque Desportivo Municipal João Martins
35. Câmara Municipal de Sines
36. Creche da Santa Casa da Misericórdia
37. Igreja Evangélica de Sines
38. Casa do Estudante Universidade de Évora
39. Casa do Médico de São Rafael
40. Infantário
41. Porto de Recreio



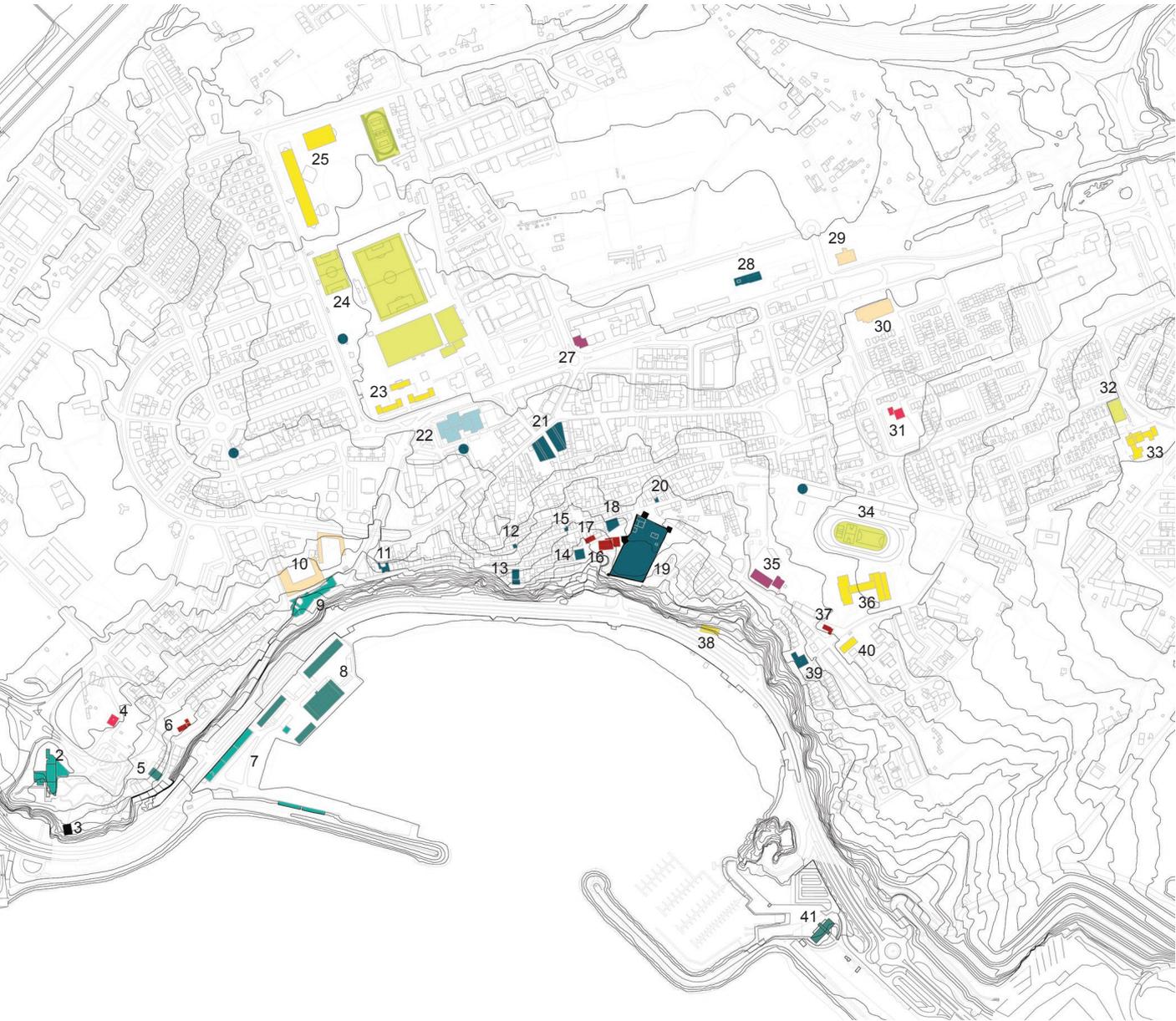


Figura 11. Mapa de Equipamentos.

2. RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS

SEIS CASOS DE ESTUDO DE RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS

A abordagem ao programa proposto para o exercício da Vertente Prática de Projecto Final de Arquitectura teve início com o estudo a seis residências artísticas.

A selecção das residências teve como objectivo alcançar um conjunto diversificado de exemplos. Estes seis casos de estudo exemplificam o contexto nacional e o contexto internacional, edifícios construídos de raiz ou adaptados ao programa. A oferta de experiências de trabalho variam entre colectivo e o isolamento, esta última característica ainda se distingue pelo isolamento do artista em relação ao meio urbano ou do próprio artista. Estas características definiram quatro tópicos comuns entre residências em estudo: o *Lugar*, o *Espaço*, o *Colectivo* e o *Artista* (Figura 11).

Os casos de estudo seleccionados foram os seguintes: Internacional Residences at Récollets, em Paris; Künstlerhaus Schloss Balmoral, em Bad Ems; Künstlerhaus Bethanien, em Berlim; Akademie Schloss Solitude, em Estugarda; Cité Internationale des Arts, em Paris; Hubert Kostner Residency & Atelier, em Bolzano; e CAAA - Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura, em Guimarães.

Da análise aos casos de estudo foram realizadas fichas que identificavam três temas-chave para a compreensão do programa. O primeiro tema procurava explicar o contexto em que a residência se insere, o segundo tema identificava o público-alvo e as características da vivência na residência. Por último, o terceiro tema explicava as características dos espaços das residências consoante as necessidades dos seus artistas.

Este capítulo pretende mostrar de modo sucinto a análise realizada aos seis casos de estudo pelo grupo.

O COLECTIVO

O ARTISTA



Figura 12. Os quatro tópicos comuns das residências artísticas.

O EDIFÍCIO

A análise da morfologia urbana revela uma implantação de residências diversificada, tendo como exemplo maioritário a inserção em zonas urbanas informais. Também se destacam algumas residências em meio rural e histórico.

No reconhecimento dos serviços na proximidade destacam-se constantemente hotéis, restaurantes e espaços verdes; nos serviços que pertencem à residência, a maioria apresenta uma biblioteca, uma galeria expositiva e espaços de ensino para formações e workshops.

Nos casos estudados, a implantação em meio urbano beneficia a residência, principalmente no centro histórico devido à proximidade com espaços culturais e referências artísticas em diversas áreas, como se verifica nos dois casos de estudo em Paris. A proximidade de transportes públicos permite o acesso a um meio mais movimentado ao longo da estadia. Resumidamente, existem dois grandes grupos de implantação que correspondem a um meio citadino e outro mais isolado, geralmente em meio rural.

Os serviços inseridos na própria residência são uma benesse ao artista. A existência de uma biblioteca permite consultar facilmente referências de Arte e nos espaços expositivos surgem oportunidades únicas de apresentação dos trabalhos realizados. As actividades ligadas ao ensino, workshops e formações também ajudam na divulgação dos trabalhos desenvolvidos na residência e dos próprios artistas.

SITUAÇÃO URBANA



VALORES DE PROXIMIDADE



SERVIÇOS



Figura 13. Quadro síntese da localização dos edifícios.

A RESIDÊNCIA

É comum as residências determinarem públicos-alvos, em que na maioria é comum a presença de artistas plásticos, performers e escritores. A duração da estadia varia entre um mês e dois anos consecutivos, sendo que na maioria encontram-se vagas para uma permanência de três meses ou um ano.

As residências permitem que a vida social do artista possa ser individual ou comunitária, contudo entende-se a preferência pela vivência em colectivo.

A análise da missão da residência visa estudar de que forma é promovido o trabalho do artista. A maioria dos casos revelam a preferência pelo trabalho individual, embora promovam o contacto colectivo, a discussão entre os artistas residentes e a divulgação da arte dos mesmos.

Observou-se a propensão pelos artistas plásticos, modalidade que abrange vários ramos como a escultura, pintura, desenho, entre outras. A candidatura à residência torna-se complicada para os artistas em início de carreira, uma vez que a selecção depende de um portfólio e apresentação de trabalhos realizados. Algumas residências aceitem estudantes de Artes embora de estadia limitada, em que têm direito a um tempo reduzido de permanência.

Em crítica ao modo de vida social promovida nas residências, compreende-se esta dualidade presente na maioria dos casos estudados. A maioria dos casos de estudo permitem ao artista a opção de trabalharem isoladamente no seu estúdio, ou em conjunto num espaço comum aos artistas hospedados.



Figura 14. Quadro síntese das residências

O ARTISTA

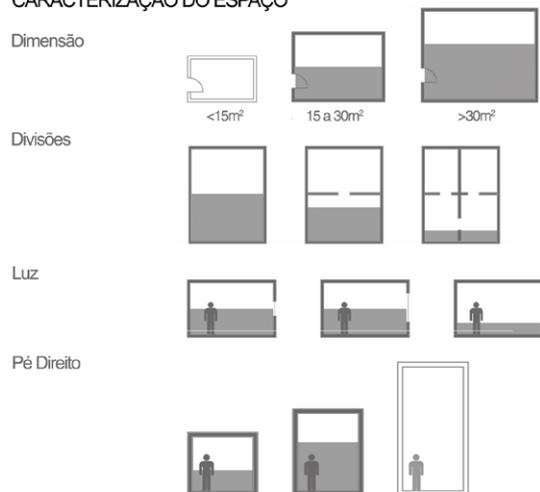
Na maioria dos casos de estudo, os espaços destinados aos artistas apresentam mais de 30 m² de área total. A característica dominante dos espaços é a planta livre, que geralmente reúne a área de trabalho e a área pessoal. Os vãos dos edifícios são geralmente pequenos o que condiciona a luminosidade no interior, geralmente fraca ou mediana. Os pés-direitos são normalizados, assumindo os 2,40 metros como valor mínimo comum.

Os espaços para os artistas têm uma área razoável, capaz de responder à necessidade de isolamento durante o trabalho no espaço do quarto ou atelier. A própria liberdade na disposição do espaço permite a adaptação à dinâmica pessoal do artista, ou seja permite a interligação da área de trabalho com a zona privada e pessoal.

A fraca luminosidade apresenta-se como uma desvantagem, verificando-se que em alguns casos de estudo os espaços dispõem apenas de luz artificial. As pequenas aberturas para o exterior não privilegiam a necessidade de luz natural no interior.

O pé direito normalizado resulta da adaptação da arquitectura do edifício ao programa ou das necessidades do público-alvo da residência. Em conclusão, defende-se que as diferentes volumetrias dos espaços e a diversidade nas dimensões dos vãos contribuem para uma atmosfera mais criativa.

CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO



ÁREA DE TRABALHO E ÁREA PESSOAL



Figura 15. Quadro síntese dos espaços dos artistas.

3. PROPOSTA DE GRUPO



Figura 16. Ortofotomapa de Sines e Linha de Crista

REFERÊNCIAS

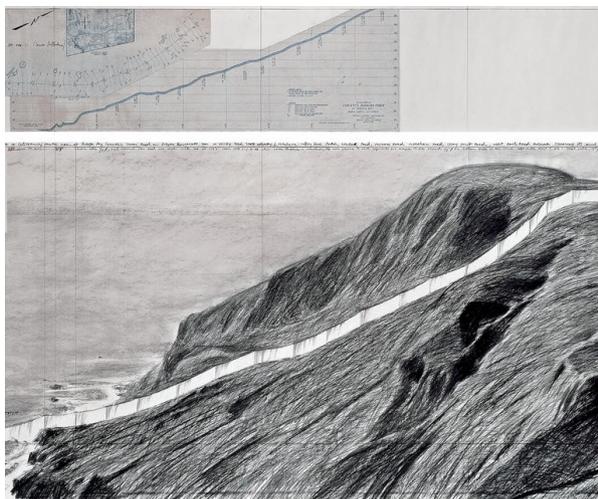


Figura 17. “Running Fence”, Christo. Figura 18. “A Última Ceia”, Leonardo da Vinci. Figura 19. Couvent Sainte-Marie de La Tourette, Éveux, Le Corbusier. Figura 20. Villa Le Lac, Corseaux, Le Corbusier.

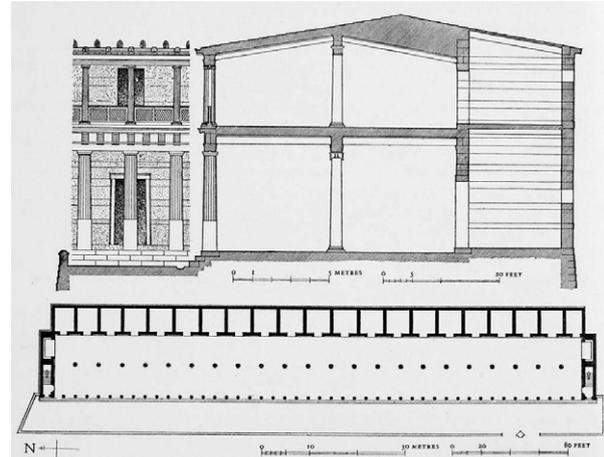
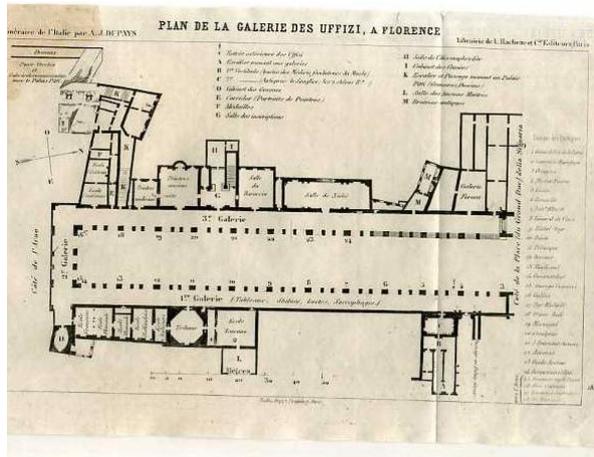


Figura 21. Uffizi, Florença. Figura 22. Stoa, Atenas. Figura 23. Bairro da Bouça, Porto, Álvaro Siza Vieira. Figura 24. Casas Unifamiliares, Pegognaga, Aldo Rossi.

A CIDADE, O PORTO E A ARTE: RESIDÊNCIA ARTÍSTICA EM SINES

Sines caracteriza-se por um planeamento urbano que se modificou com a evolução da indústria. O crescente desenvolvimento das estruturas industriais reforçou a posição de Sines como um importante ponto da malha da globalização, que surgiu através da geopolítica do petróleo e das redes internacionais de transportes de grandes navios. A história da cidade caracteriza-se pela evolução da malha urbana através de um único eixo, a rua direita, actualmente Rua Vasco da Gama. Neste eixo cruzam-se percursos diários, religiosos e o domínio do território. A falésia é o limite da expansão territorial, um mirante sobre o mar. A marcação da linha de crista realça este limite que se estende a todo o território, de modo flexível, conceptual ou materializada. É no centro histórico que se corporaliza, oferecendo uma nova frente à cidade.

“As instalações para residência artística deverão contemplar 36 espaços de trabalho e respectivas habitações, sendo 12 dedicados às artes visuais, 12 à música e 12 à literatura.

Sendo as residências de média e longa duração – entre três meses e um ano –, algumas das habitações deverão ser previstas para acolher também a família do artista residente.

Estas instalações, organizadas de forma unitária ou separada, deverão ser complementadas com todos os serviços e equipamentos que forem considerados necessários para o funcionamento da residência artística no contexto da cidade, ou seja, para a reflexão e investigação individual, a interacção colectiva, a recepção de convidados externos, a apresentação e a exposição, tendo em conta os equipamentos existentes.”²

No entendimento do programa proposto definiram-se dois núcleos: uma residência colectiva e três residências isoladas. As primeiras são implantadas nesta linha de crista, onde os artistas usufruem de celas individuais para o recolhimento, existindo também celas para receber curadores nas suas visitas por vários dias.

Na compreensão da morfologia da cidade, o local onde outrora existiu uma rua e um jardim que faziam o embasamento ao edifício da Santa Casa da Misericórdia são restituídos. Propôs-se uma nova intervenção para o actual edifício da Guarda Marítima, que ali foi implantado. Reconstitui-se a continuidade da Rua Direita, voltando a existir a antiga ligação directa entre o centro histórico e a zona Oeste da cidade, utilizado diariamente por pescadores e nos percursos religiosos. A partir da compreensão das ruas radiais perpendiculares à Rua Direita, estabeleceu-se um eixo directo entre a baía, o centro histórico e os bairros residenciais dos anos de 1970, prolongando-se a Travessa Vasco da Gama para Norte.

No núcleo coletivo, os artistas, encontram nos ateliers e estúdios de trabalho um espaço adequado às necessidades individuais ou colectivas. O auge desta vivência em

² NEVES, José – Documento 3 A CIDADE, O PORTO E A ARTE: RESIDÊNCIA ARTÍSTICA EM SINES - Programa e Faseamento do trabalho. In Enunciado Vertente Prática PFA 2015/2016

comunidade acontece no refeitório, um espaço de uso doméstico destinado ao encontro de todos os residentes. A memória do lugar que outrora foi o percurso principal dos pescadores de acesso ao mar celebra-se com a requalificação da Rampa das Bicas Velhas. Apesar da proposta prever um núcleo isolado de três residências na costa Norte, diferenciadas das restantes pelo isolamento individual e a relação com o mar, estas não foram desenvolvidas pelo grupo.

PROGRAMA

Residência Colectiva:

36 Quartos para artistas (36x28m²)

4 Quartos para curadores (4x28m²)

2 Lavandarias (2x28m²)

12 Estúdios (12x50m²)

12 Ateliers:

2 Ateliers Escultores (2x140m²)

4 Ateliers Artistas Plásticos (4x120m²)

6 Ateliers Designers (6x85m²)

Anfiteatro 450m²

Parque 11 800m²

Residência Isolada:

1 Artista Plástico (1x200m²)

1 Escritor (1x200m²)

1 Músico (1x200m²)

Refeitório:

Espaço de refeição (65m²)

Cozinha (50m²)

I.S. (2x9m²)

Economato (23m²)



Figura 26. Construções do quarteirão da Rua Direita com a Rua Judice Fialho. Figura 27. Viveiros da costa Norte de Sines. Figura 28. Vista para a baía de Sines.





Figura 29. Planta da Proposta de Grupo

4. PROPOSTA INDIVIDUAL



Figura 30. Ortofotomapa de Sines em 2014 (GoogleMaps 2016)



Figura 31. Rua Vasco da Gama (rua direita). Figura 32. Edifícios devolutos da rua direita.

ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO

O local da intervenção seleccionado distingue-se pela sua relação com as várias zonas da cidade.

No limite com a Rua Vasco da Gama observa-se pela primeira vez ao longo da rua direita a fragmentação do arruamento, permitindo o contacto visual com a baía. Embora se observe alguns edifícios devolutos a rua direita é bem delimitada. A Rua Vasco da Gama têm extrema importância na morfologia de Sines e na sua população. Era através dela que se realizavam as romarias desde a Igreja Matriz à Igreja da Nossa Senhora das Salas, prosseguindo para a Calheta onde os barcos aguardavam a chegada dos santos. Estes navegavam pela baía de Sines em pedido de protecção divina para os pescadores.

Actualmente a construção de um edifício da Guarda Nacional Republicana interrompe esta ligação directa. O edifício tenta ainda manter a acessibilidade através de uma escadaria mas que em nada se compara à antiga rua.

O quarteirão desta parte da rua direita caracteriza-se pelo crescimento perpendicular das propriedades, entre as quais interrompe um pequeno eixo estruturador da malha urbana, a Travessa Vasco da Gama. No limite do quarteirão com a Rua Marquês de Pombal observam-se construções anexas, entradas secundárias das propriedades e algumas ruínas. O quarteirão apresenta-se decomposto a este segundo eixo fundador de Sines.

A partir da Rua Marquês de Pombal verifica-se uma diferença relevante das construções. Os edifícios de habitação de baixa cêrcea são substituídos por volumes de oito ou mais pisos. Entre as enormes volumetrias surge um descampado onde se encontra implantado um antigo armazém da indústria corticeira. Da cartografia histórica deduz-se que este armazém poderá ter impedido a extensão do eixo perpendicular referido no território da cidade. O quarteirão da antiga fábrica de cortiça delimita-se pela grande avenida construída ao longo dos anos 70, a Avenida Humberto Delgado, o terceiro eixo principal da cidade. Este quarteirão permite o encontro do centro histórico com os novos bairros. Nos terrenos vizinhos desenvolveram-se escolas e na fragmentação da propriedade industrial surgiu, mais tarde, o mercado municipal.

Estes dois quarteirões apresentam a potencialidade de conectarem o centro histórico com a zona nova da cidade, possibilitando o acesso aos três eixos principais da cidade por uma única via.

Com o desenvolvimento do programa das residências artísticas ao longo da linha de crista tornou-se imprescindível intervir neste território. Nas fases iniciais propunha-se apenas a resolução do quarteirão da Rua Vasco da Gama e em cada tentativa surgia a frustração de não resolver por completo este eixo perpendicular importante para a cidade.

A evolução dos espaços de trabalho para cada artista teve como consequência a quebra dos limites da proposta, surge um gesto que pretende marcar esse eixo perpendicular: a Rua dos Artistas. A rua proposta tem a particularidade de estabelecer acesso desde a histórica Rampa das Bicas Velhas (o acesso dos pescadores à baía era habitualmente



Figura 33. Cruzamento da Travessa Vasco da Gama e Rua Judice Fialho. Figura 34. Vista do terreno de intervenção.

realizada neste percurso) até à Avenida Humberto Delgado, atravessando o encontro da Rua Marquês de Pombal com a Rua Judice Fialho.

Da criação do eixo entende-se que este deve ser diferenciado de acordo com as potencialidades dos quarteirões. A demolição dos edifícios devolutos ou abandonados que compõe a actual Travessa Vasco da Gama descobriu uma vasta área de intervenção rematada pela proposta da residência na linha de crista. Este ponto de encontro das propostas individuais torna-se de extrema importância para a vivência dos artistas. Surge então a ideia de construir uma praça enquadrada com o miradouro da residência, lugar de encontro e de acesso ao refeitório. A baía surge como pano de fundo deste cenário criado.

A praça delimita-se pela Rua dos Artistas e um outro eixo secundário, que por sua vez permitem o acesso entre a Rua Vasco da Gama e a Rua Judice Fialho. Ao longo destes acessos surgem os estúdios, parte específica ao programa para os músicos. Estes espaços são destinados para o treino colectivo ou individual dos músicos. Envolvida por esta parte do programa a praça funde-se a um anfiteatro ao ar livre como ponto de celebração da arte musical e outros espectáculos.

No quarteirão seguinte, o vazio e as construções existentes são transformadas de forma a receber a continuação da rua criada. Observou-se o potencial de fundir neste lugar a vivência artística com a população. A continuação da Rua dos Artistas teria agora de se afirmar através de um arruamento marcado, encerrado por uma outra praça. Esta seria o ponto de encontro da população com os serviços e a cultura.

Era importante propor para este vazio um espaço qualificado mas sem para isso recorrer a mais construções. Surge então a ideia de complementar a Rua com um lugar de lazer, um pequeno oásis no encontro das várias zonas da cidade. O clima alentejano, como é de senso comum, atinge no Verão temperaturas altíssimas e como outras cidades portuguesas, Sines não oferece grandes refúgios de sombra durante esta época do ano. O espaço qualificado transforma-se num parque de grandes pinheiros e sobreiros, árvores nativas da paisagem regional.

A Rua dos Artistas complementa-se com as aberturas para o parque e o desenho de pequenos percursos permitem o acesso da população da envolvente. A Rua é aqui composta pelos Ateliers, espaços de trabalho dos artistas, caracterizados pelas formas volumétricas puras. Separados entre si propõem um ritmo ao arruamento ao mesmo tempo que permitem o contacto visual com o parque envolvente. Estes vislumbres têm o objectivo de despertar a curiosidade de quem percorre a rua para o espaço verde. Fomentando o contacto dos artistas com os habitantes da cidade. O atelier, em si, foi desenhado de modo a oferecer um espaço amplo de trabalho para o artista. No atelier pode optar pelo trabalho no interior ou no exterior em contacto com o parque, sempre que as condições climatéricas o permitirem.

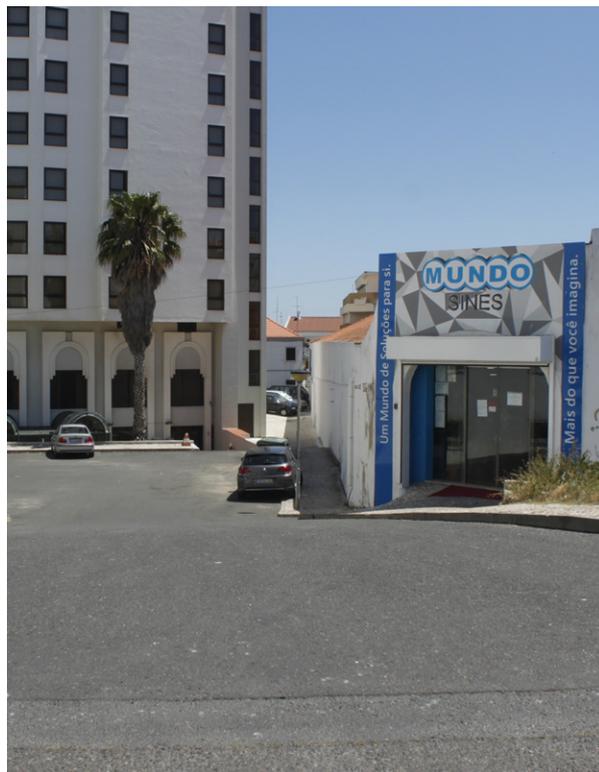




Figura 37. Cruzamento com a Avenida Humberto Delgado. Figura 38. Estacionamento do Mercado Municipal de Sines. Figura 39. Cruzamento da Rua Marquês do Pombal e Travessa Vasco da Gama.. Figura 40. Terreno de intervenção.



Figura 41. Reabilitação do Teatro de Sagunto (1993), Giorgio Grassi. Figura 42. Certosa de Florença. Figura 43 Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian (1969), António Viana Barreto e Gonçalo Ribeiro Telles. Figura 44. Parrish Art Museum (2009), Herzog&deMeuron.





Figura 45. Eixos existentes da morfologia urbana de Sines.

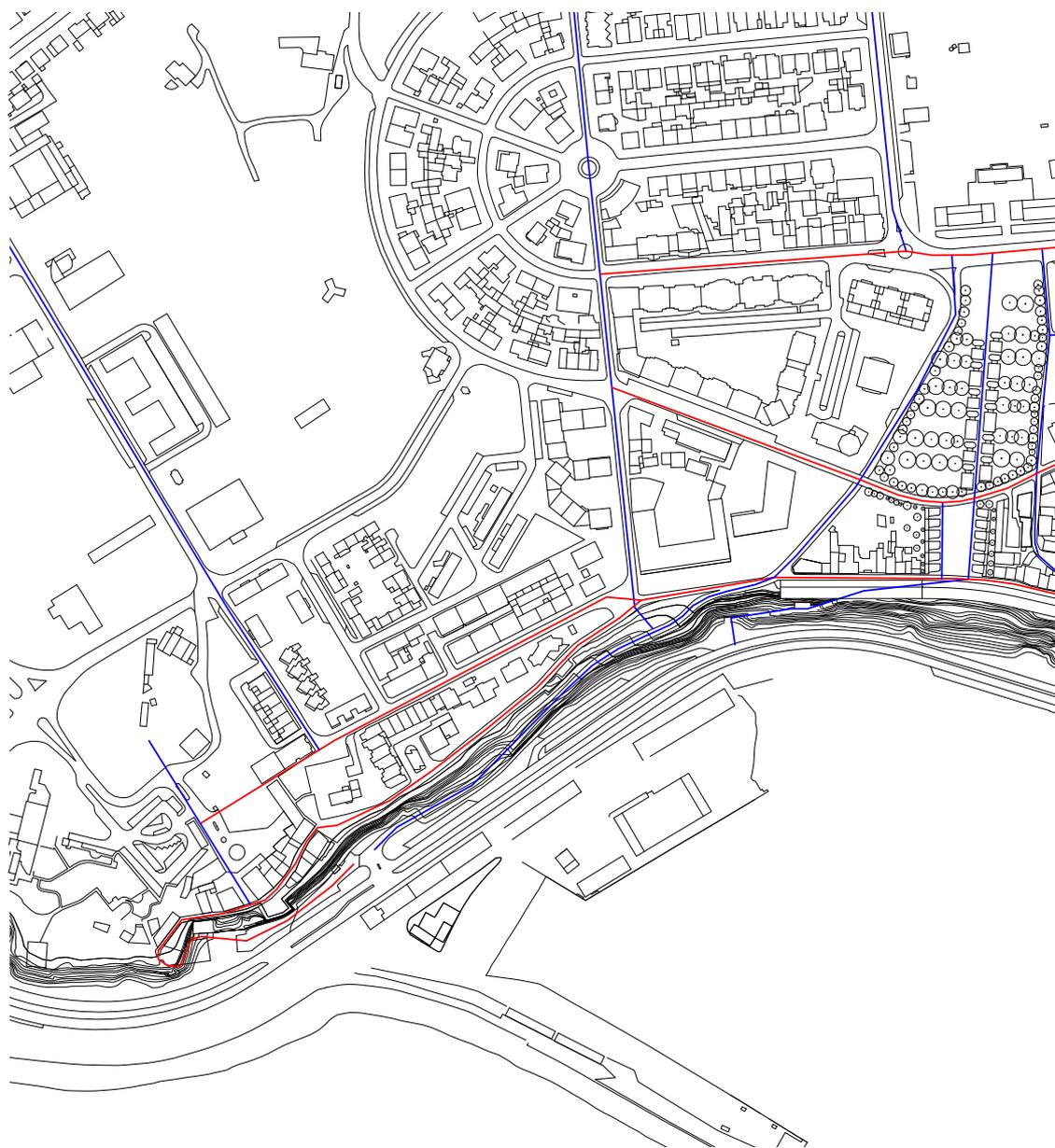




Figura 46. Eixos propostos para a morfologia urbana de Sines.

PROPOSTA

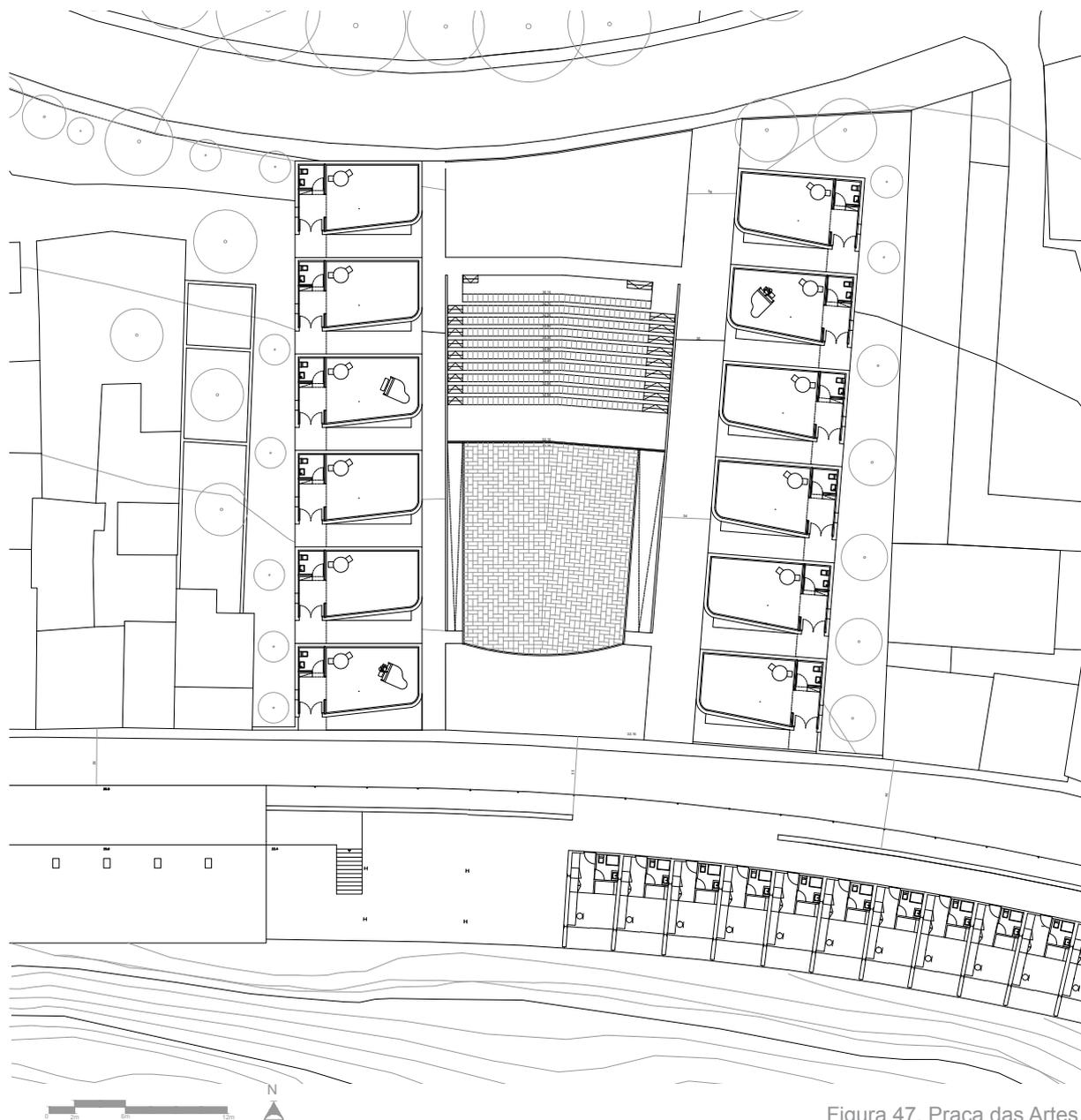


Figura 47. Praça das Artes.

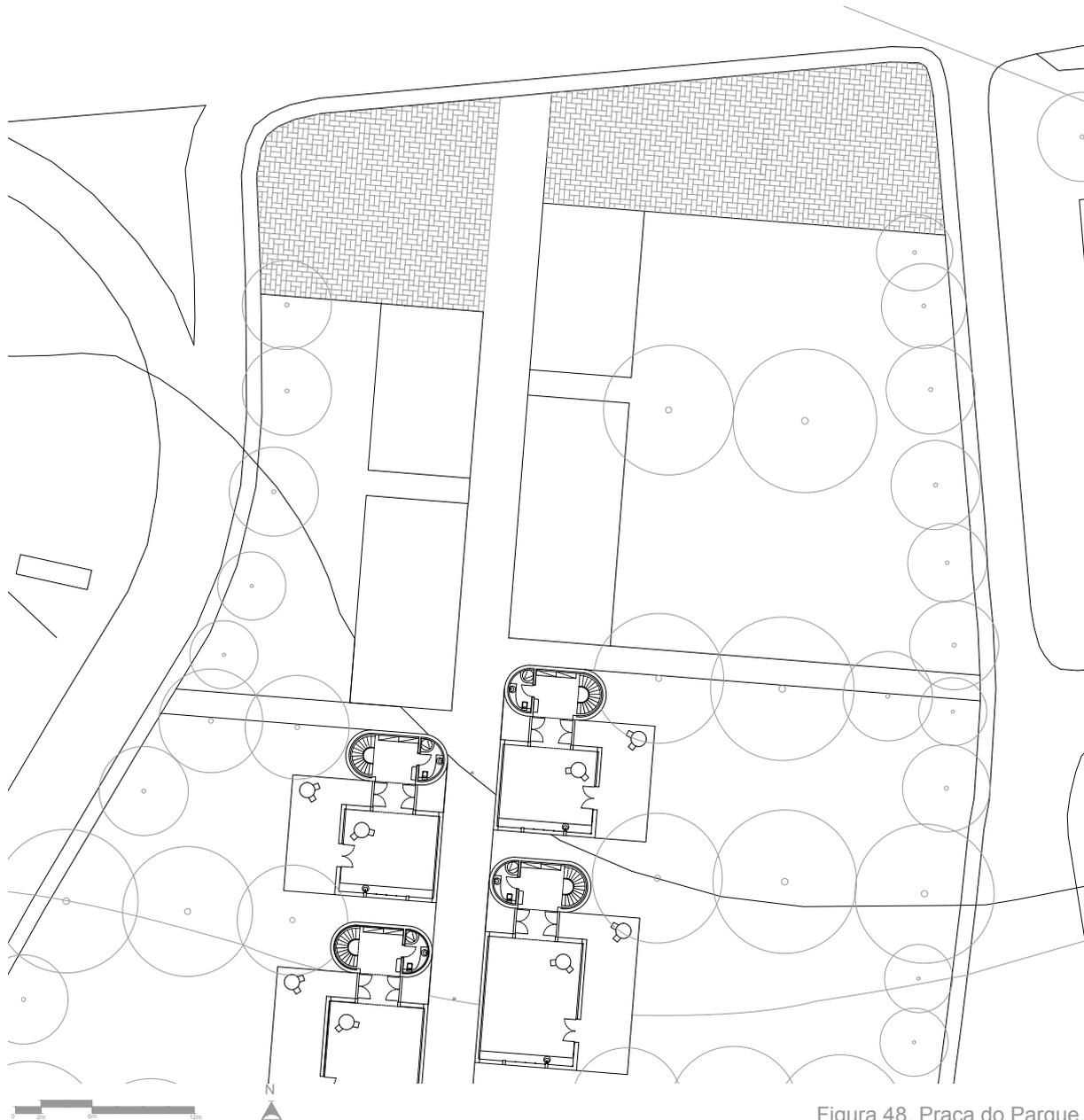


Figura 48. Praça do Parque.



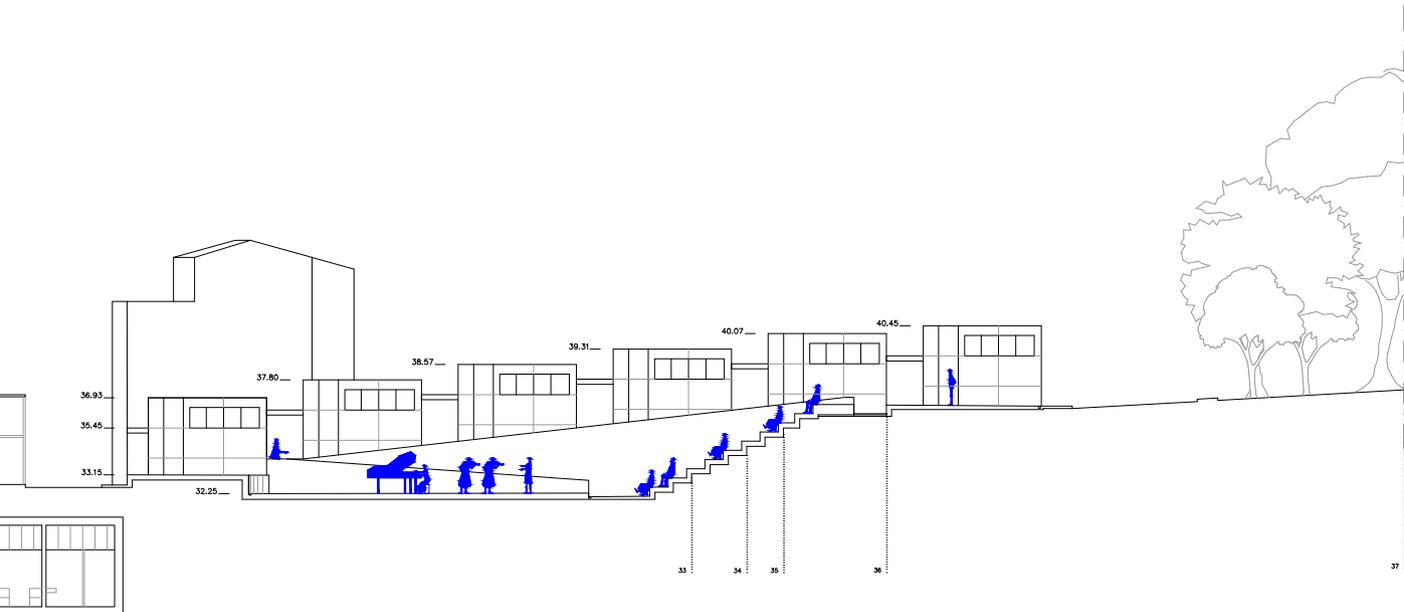
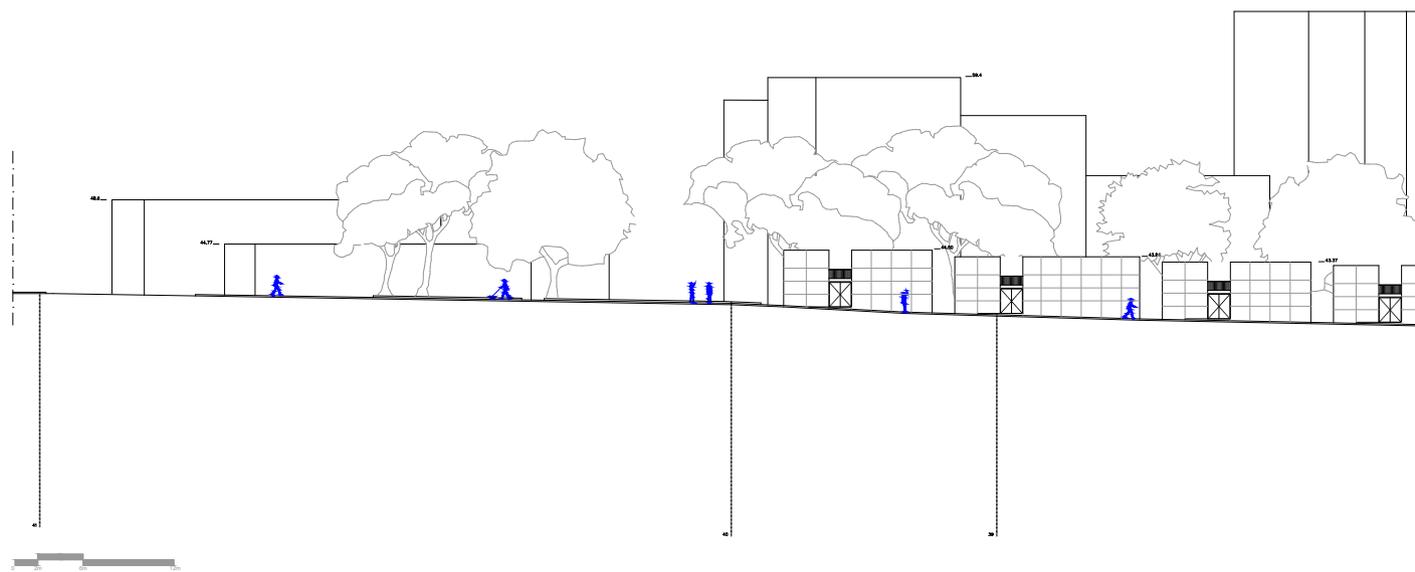


Figura 49. Corte Praça das Artes.



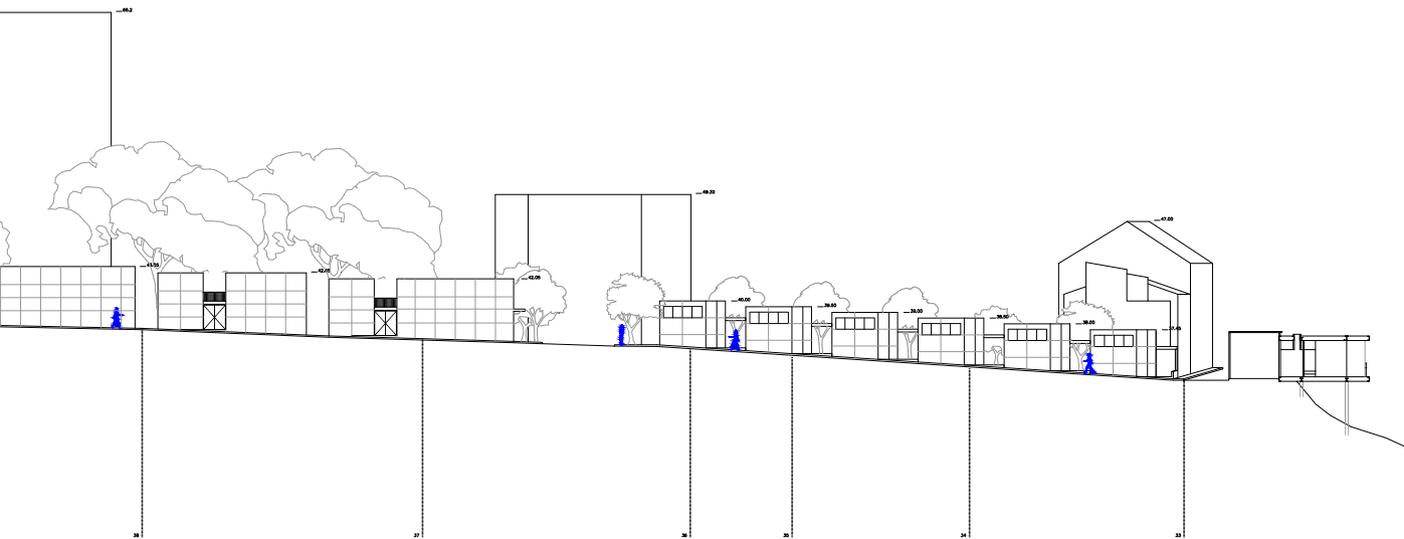
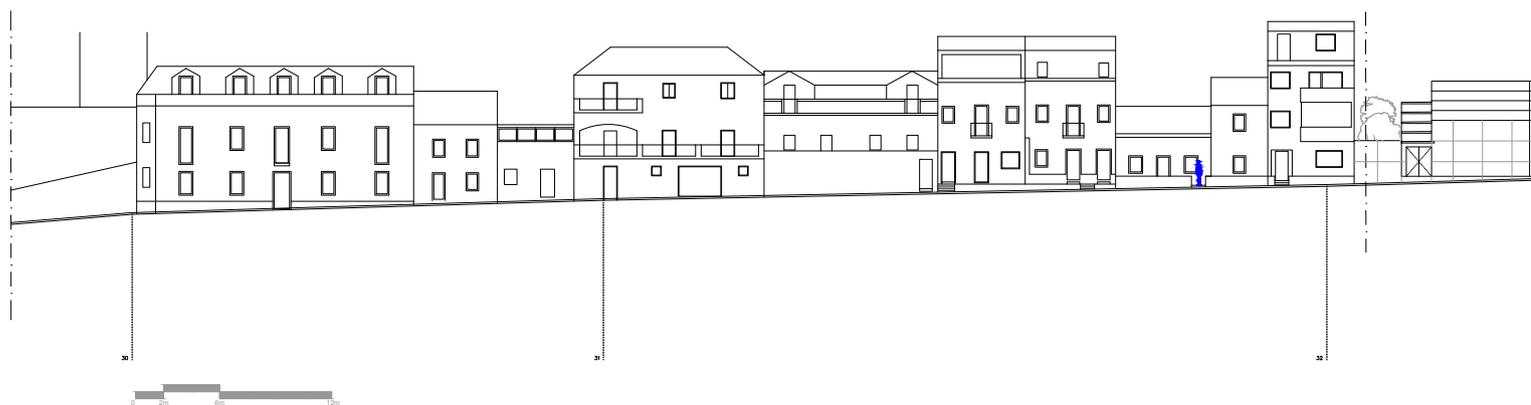


Figura 50. Alçado Rua dos Artistas.



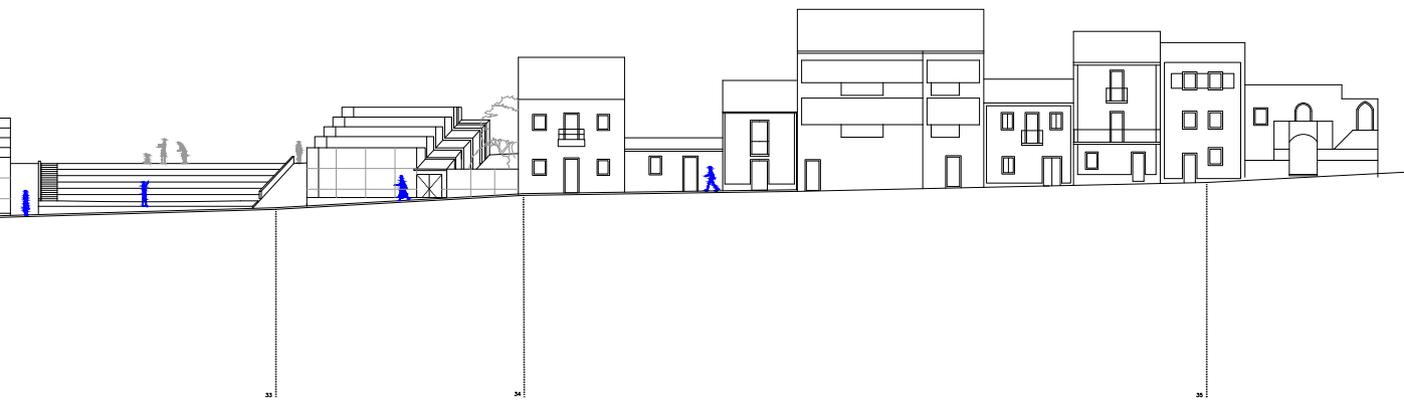
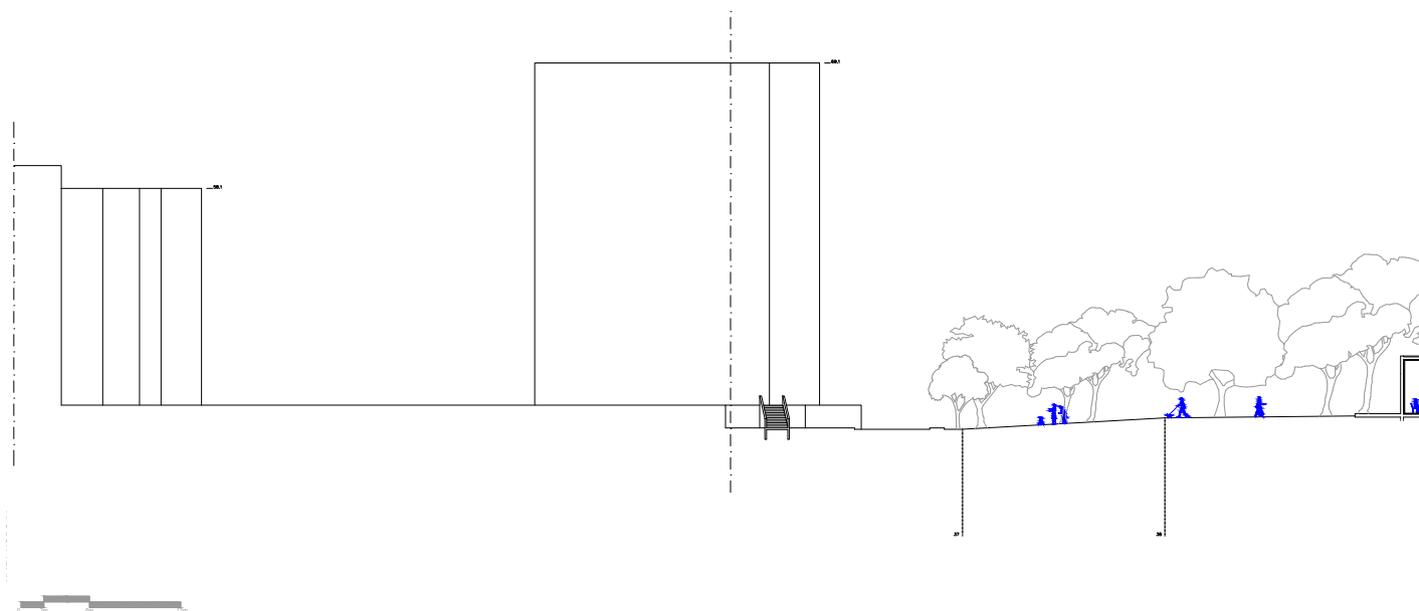


Figura 51. Alçado Rua Vasco da Gama (rua direita).



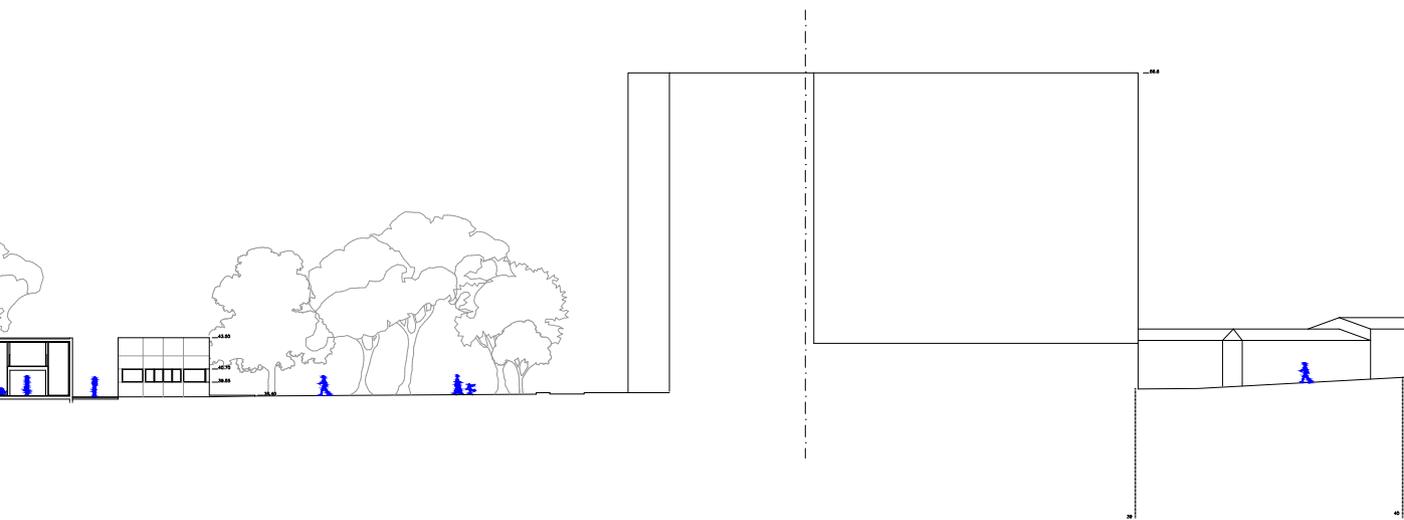
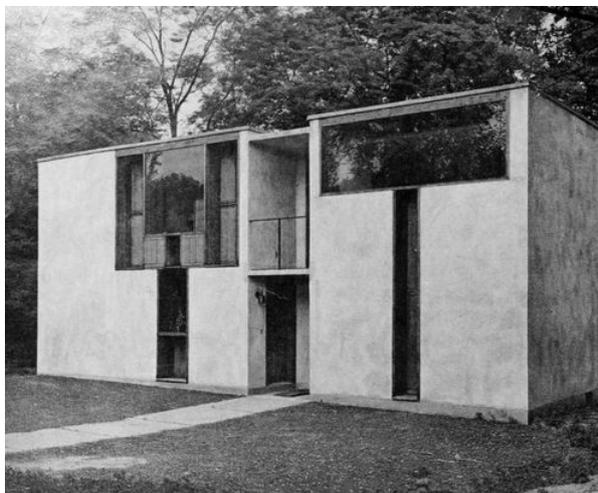


Figura 52. Corte pelo Parque e Ateliers.



76
Figura 53. Casa Esherick (1961), Louis Kahn. Figura 54. Villa Dalnoki-Kovats (1932), Farkas Molnár. Figura 55. Villa Schwob (1919), Le Corbusier. Figura 56. Loja de Flores do Cemitério de Malmö (1969), Sigurd Lewerentz.

Na abordagem aos estúdios e aos ateliers definiu-se alguns aspectos em comum para compreensão do gesto da intervenção, atendendo às especificidades dos quarteirões. Os volumes permitem a permeabilidade com a envolvente, principalmente na área do Parque de modo a evitar o isolamento entre o espaço verde e a Rua dos Artistas. As volumetrias deveriam ainda permitir o acesso do artista e músico ao seu espaço de trabalho de modo gradual e resguardado. A pequena plataforma de 15 cm dos estúdios e ateliers em relação às ruas iniciam o ritual de acesso ao espaço.

Existem necessidades volumétricas específicas aos três tipos de instrumentos musicais (sopro, percussão e cordas) contudo como o programa de residência deve ser abrangente à diversidade de candidaturas, a decisão de oferecer um espaço único capaz de responder às exigências acústicas gerais tornou-se viável. Em resposta às necessidades dos músicos, os estúdios caracterizam-se por um volume de diferentes cêrceas.

De modo a conduzir o músico para o interior do espaço, a forma curva-se para o átrio exterior de 1,8 metros de largura, medida base do estúdio (de acordo com as dimensões dos maiores instrumentos). A porta é evidenciada por uma pala que abriga o músico das más condições climatéricas. A pala caracteriza o interior através do pé-direito do volume, com 2,35 metros de altura. Este volume destina-se à chegada do músico com as arrumações e a instalação sanitária privada. A sala de ensaio distingue-se pela sua volumetria com um pé-direito de 3,65 metros e a parede oblíqua. Os vãos desenhados no topo das paredes da sala de ensaio são orientados a este-oeste. Esta característica permite o isolamento necessário do músico enquanto ensaia, sem perder a noção de tempo ao longo do dia. O vão da entrada é o único que permite contacto visual com o exterior. O estúdio distingue-se nos revestimentos interiores com o uso de ripado de madeira e soalho para maior eficácia na absorção acústica, evitando ruídos ou reverberação dos sons produzidos. A parede oblíqua com a esquina em curva é revestida em reboco. Realça-se o efeito contínuo do elemento e a reflexão do som produzido para melhor ser estudado pelo músico.

Os ateliers distinguem-se em dois corpos volumétricos. O primeiro volume de planta rectangular para o espaço de oficina. Variável em três dimensões para diferentes áreas artísticas como a escultura, as artes plásticas e o design. Este volume apresenta 4,85 metros de pé-direito e os vãos têm orientação norte-sul de forma a regular a luz natural, essencial para o espaço de trabalho. O segundo volume distingue-se pela sua forma curva, ocupado pela instalação sanitária e arrumos de um lado e por umas escadas em espiral de outro, para acesso ao escritório e à varanda. As escadas em madeira estabelecem a continuidade com os estúdios.

A materialidade dos ateliers no exterior caracteriza-se pelo betão à vista e no interior pelo reboco com acabamento em microcimento para uma maior resistência e durabilidade das paredes. O pavimento continua a lógica do volume puro através da betonilha polida.

Os detalhes dos estúdios e ateliers destacam-se nas portas e nos caixilhos dos vãos. As portas são construídas de forma a não serem perceptíveis. Com revestimento em reboco no exterior e o uso de dobradiças ocultas apenas se observa uma linha como moldura do vão. Os caixilhos metálicos de espessura reduzida são pintados de cor escura para evitar o brilho natural do metal.

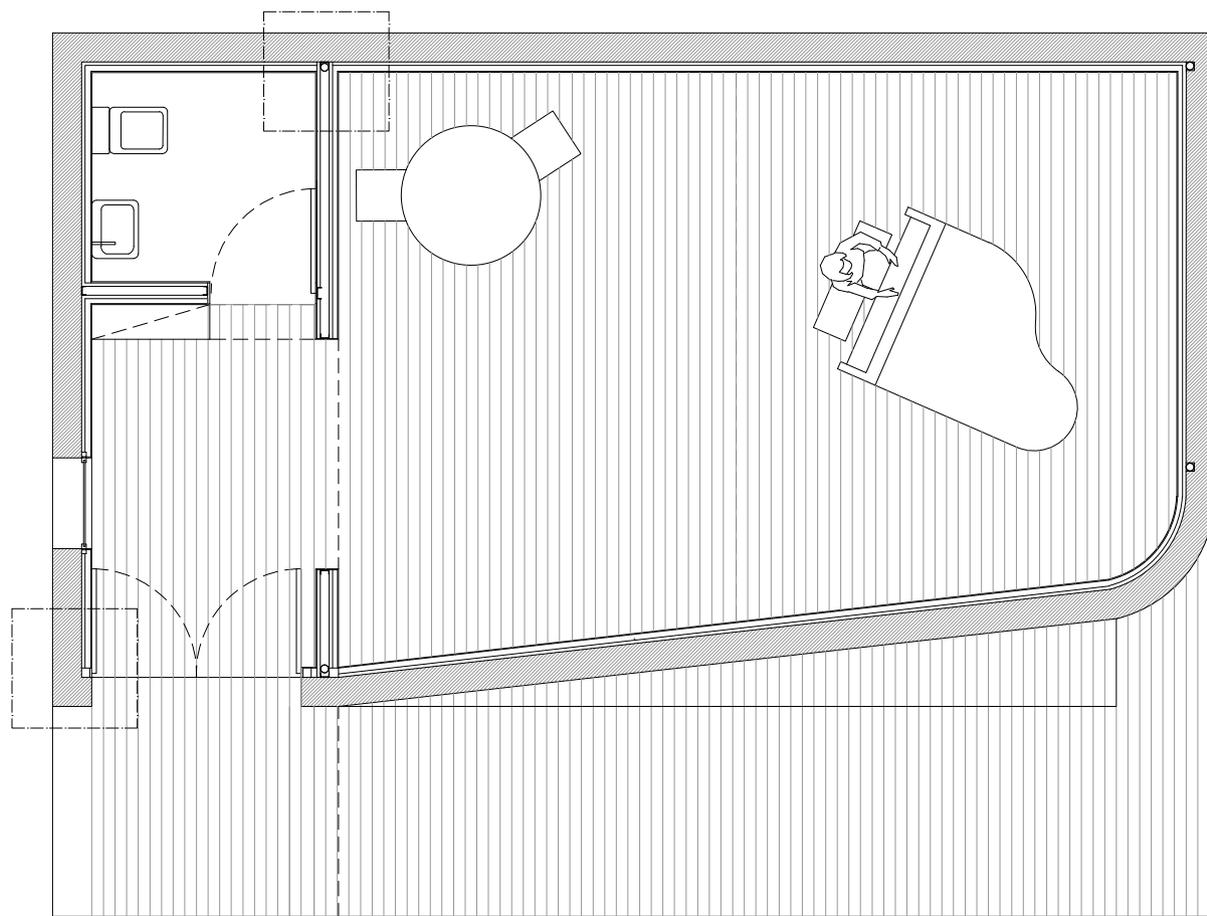


Figura 57. Planta Tipo dos Estúdios.

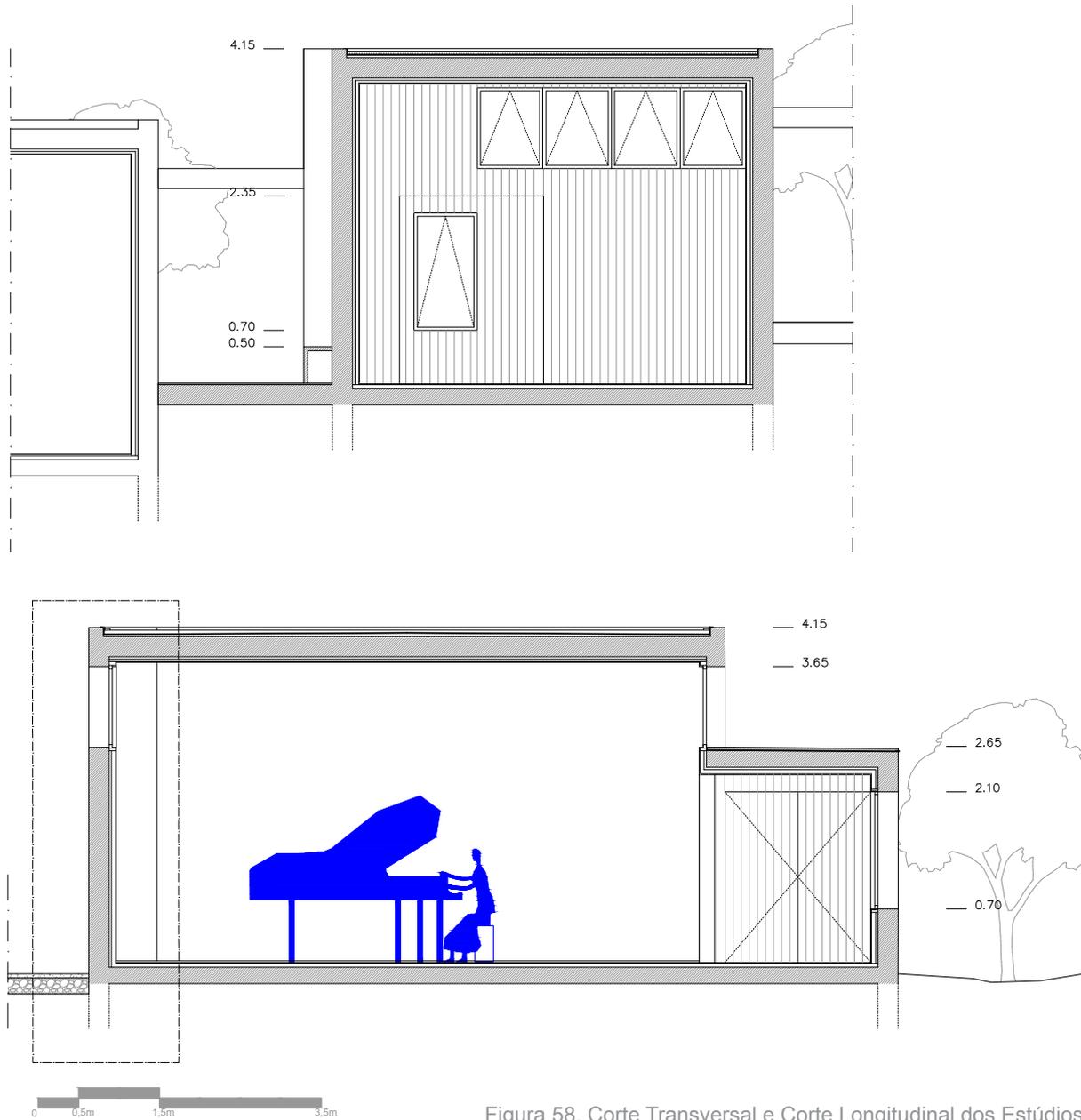


Figura 58. Corte Transversal e Corte Longitudinal dos Estúdios.

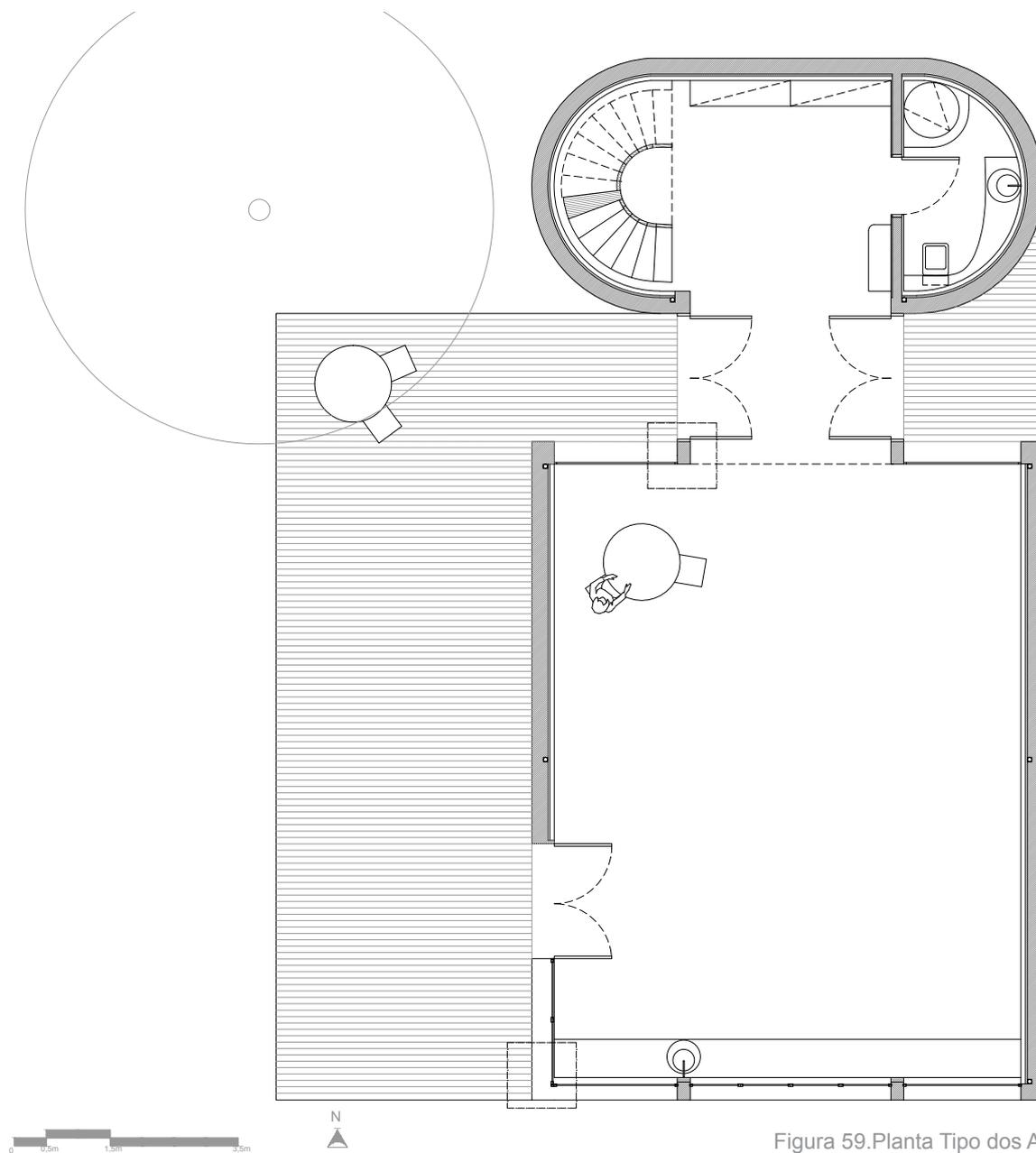


Figura 59.Planta Tipo dos Ateliers.

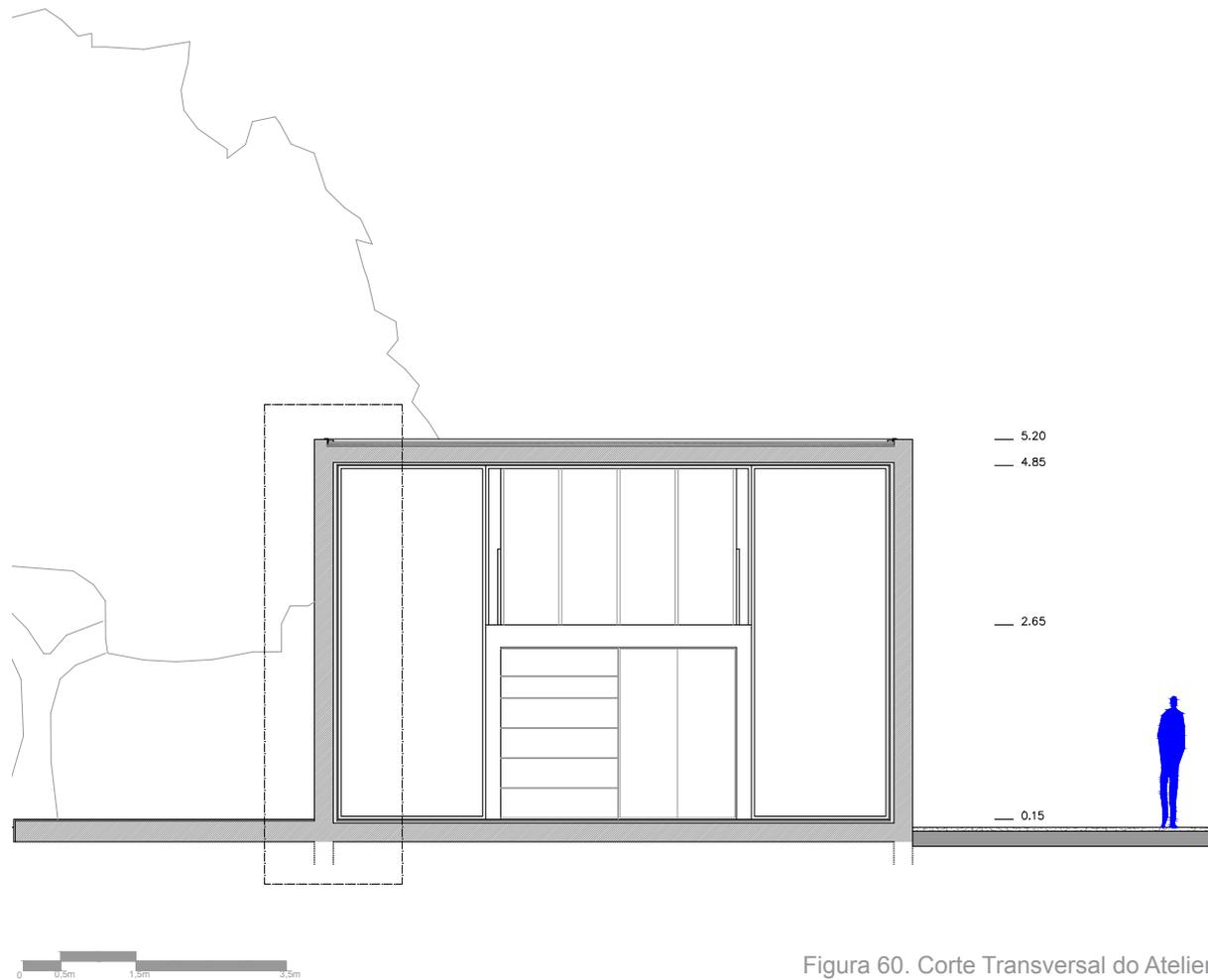
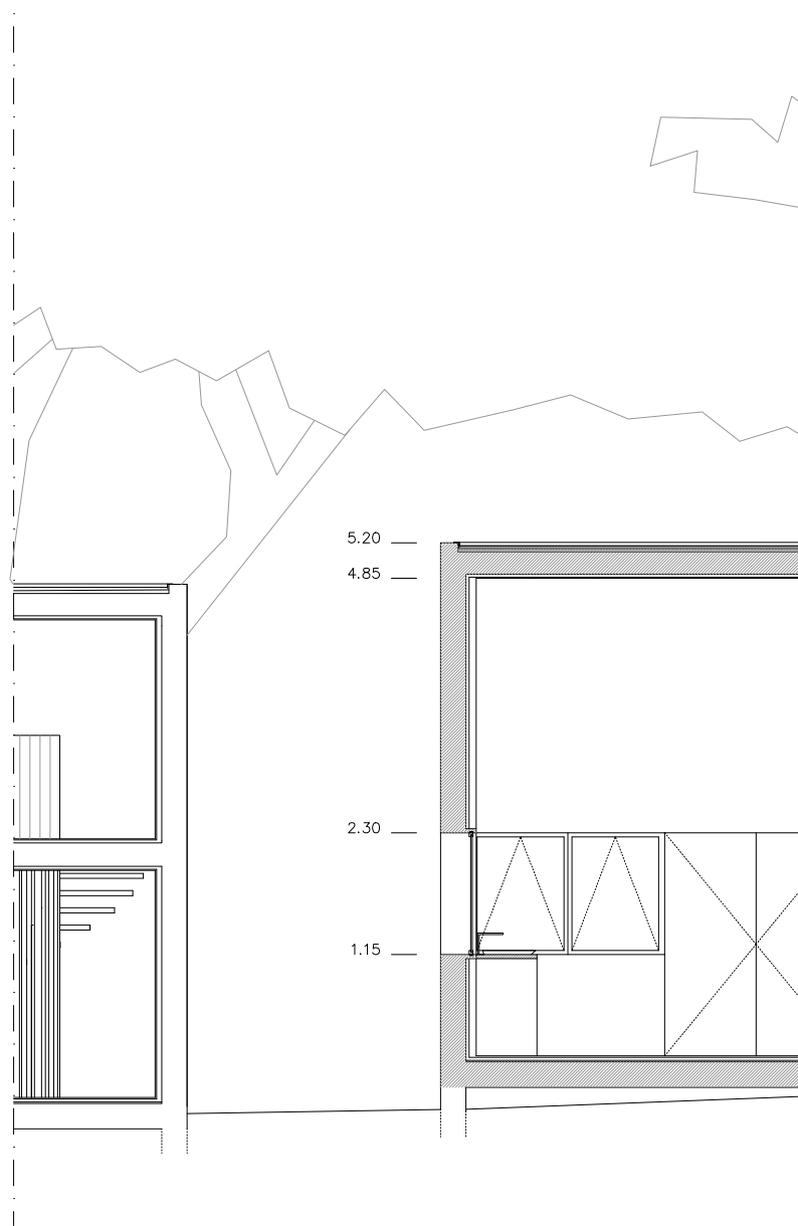


Figura 60. Corte Transversal do Atelier.



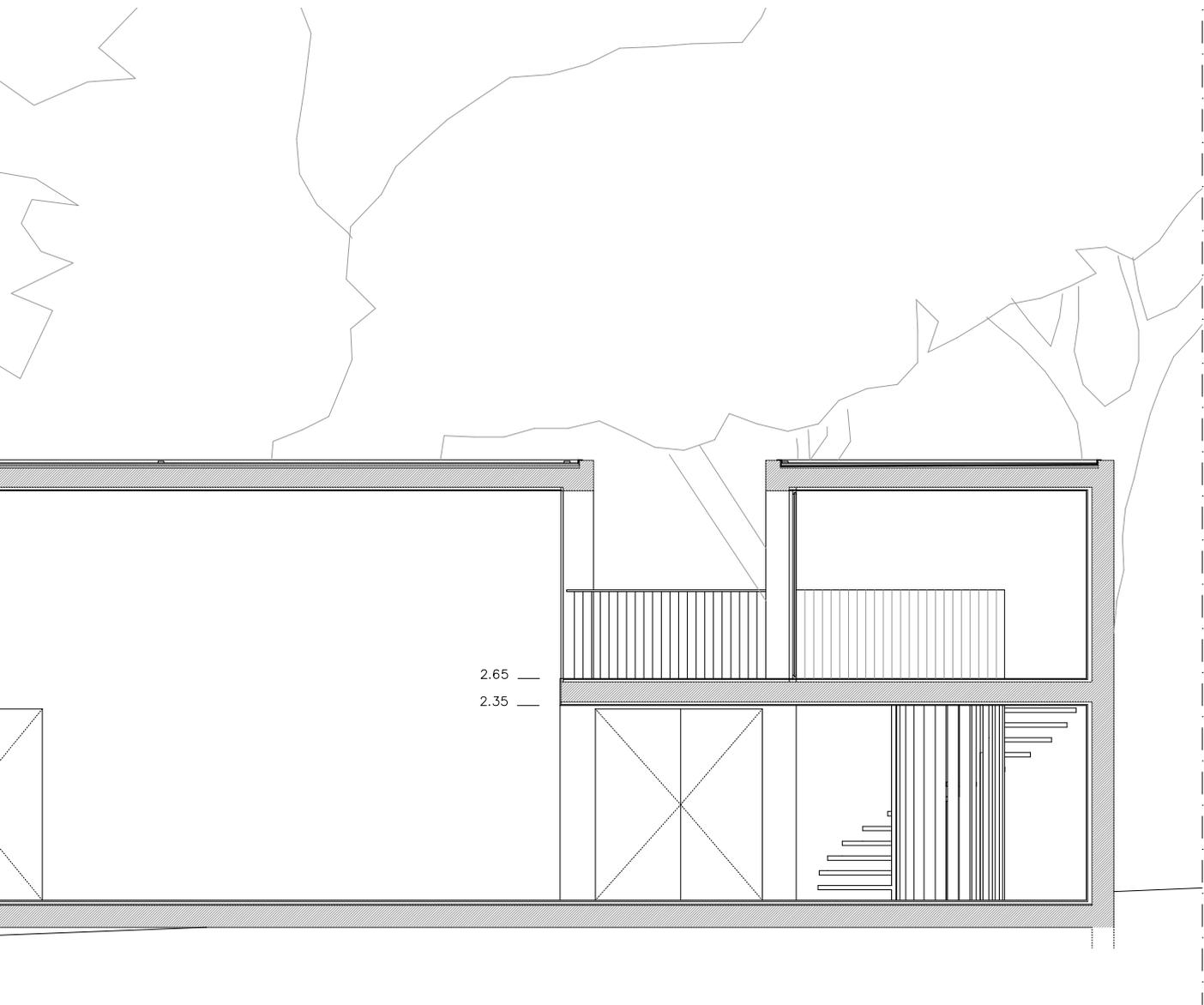


Figura 61. Corte Longitudinal do Atelier.

MATERIALIDADE DOS ESTÚDIOS

Betão à Vista

Betonilha com acabamento em microcimento

Ripado de madeira

Soalho

MATERIALIDADE DOS ATELIERS

Betão à Vista

Betonilha com acabamento em microcimento

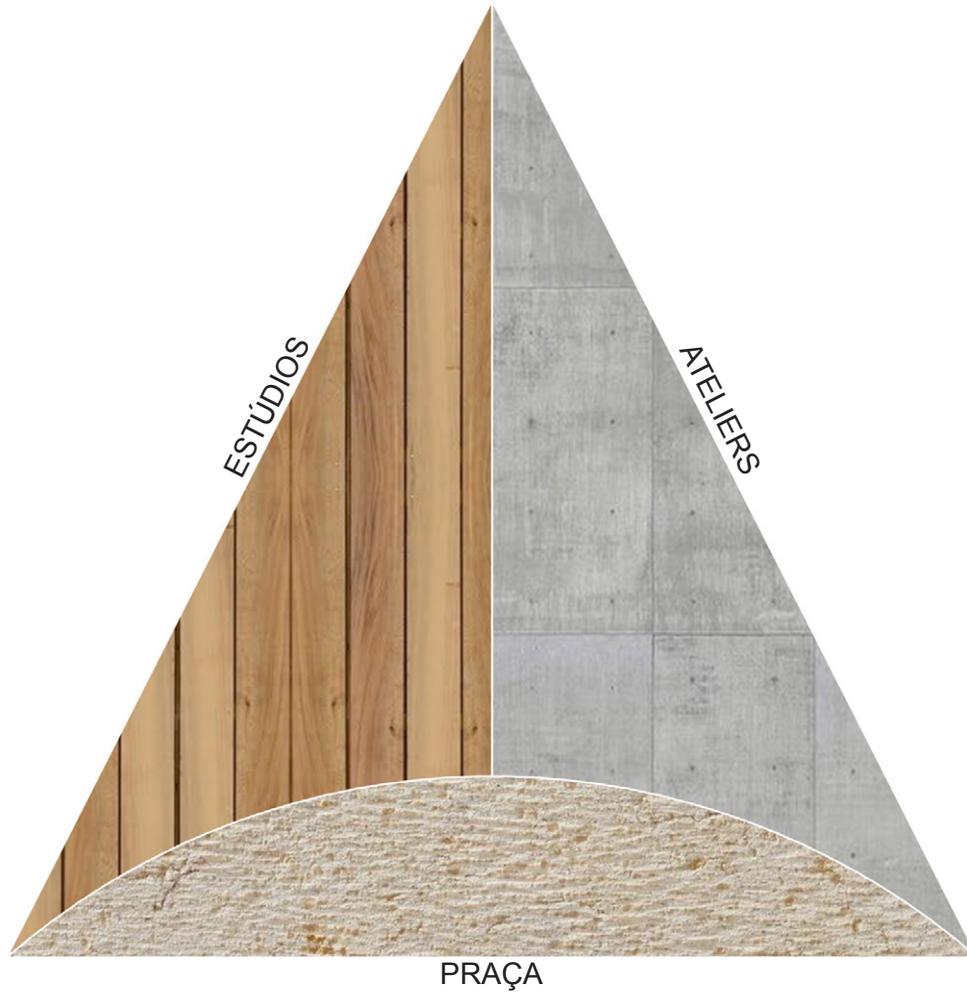
Escadas em madeira

MATERIALIDADE DOS ESPAÇOS EXTERIORES

Pedra Lioz Dourado

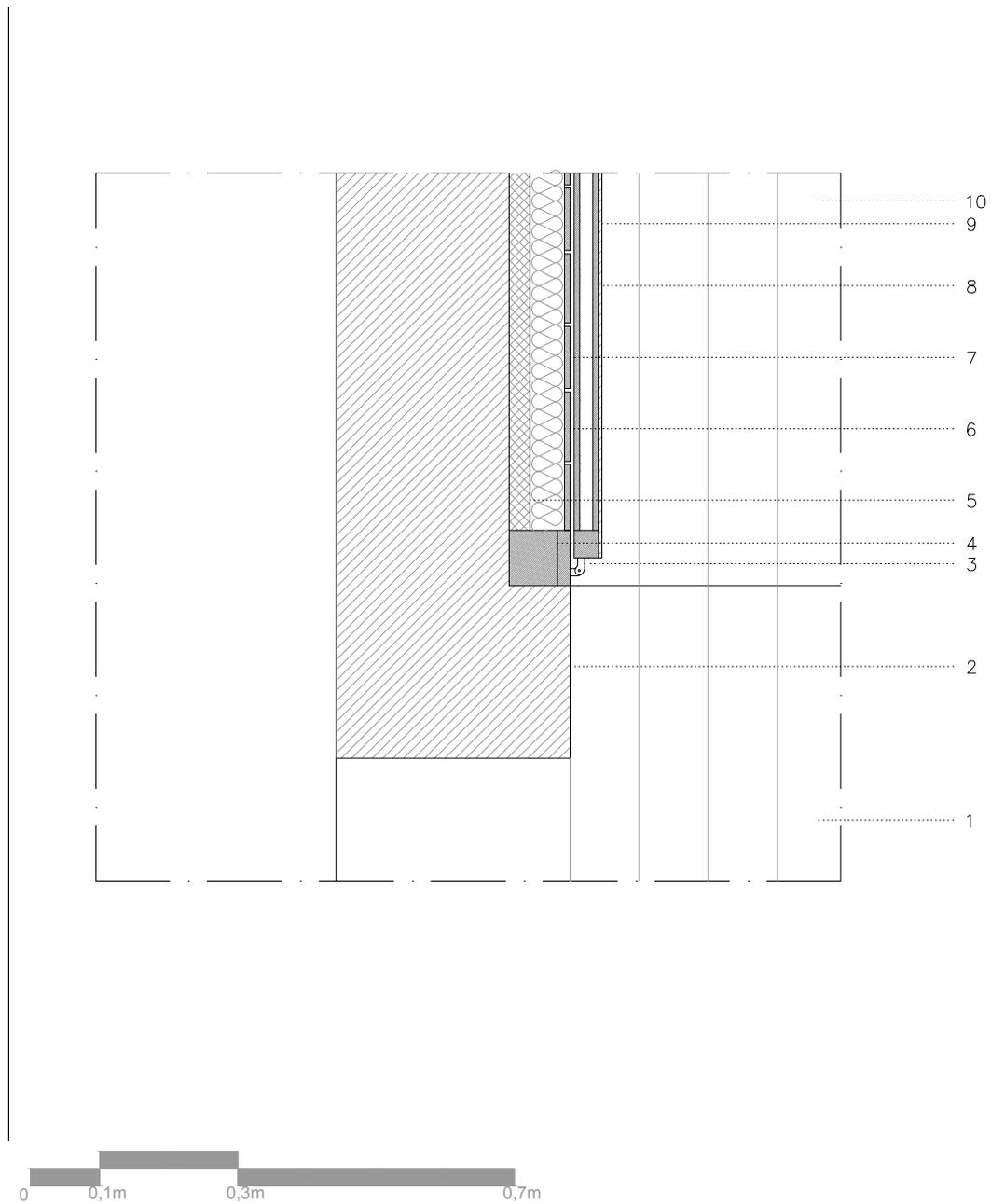
Betão Texturado

Betão Compactado



PRAÇA

Figura 62. Os três materiais predominantes do projecto.



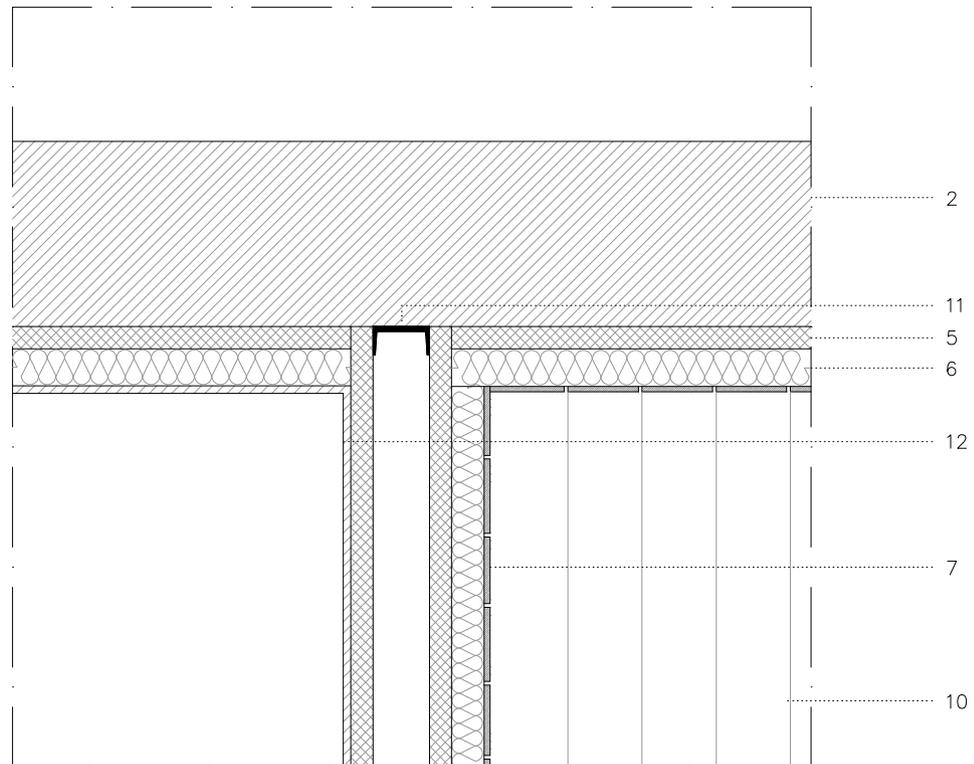
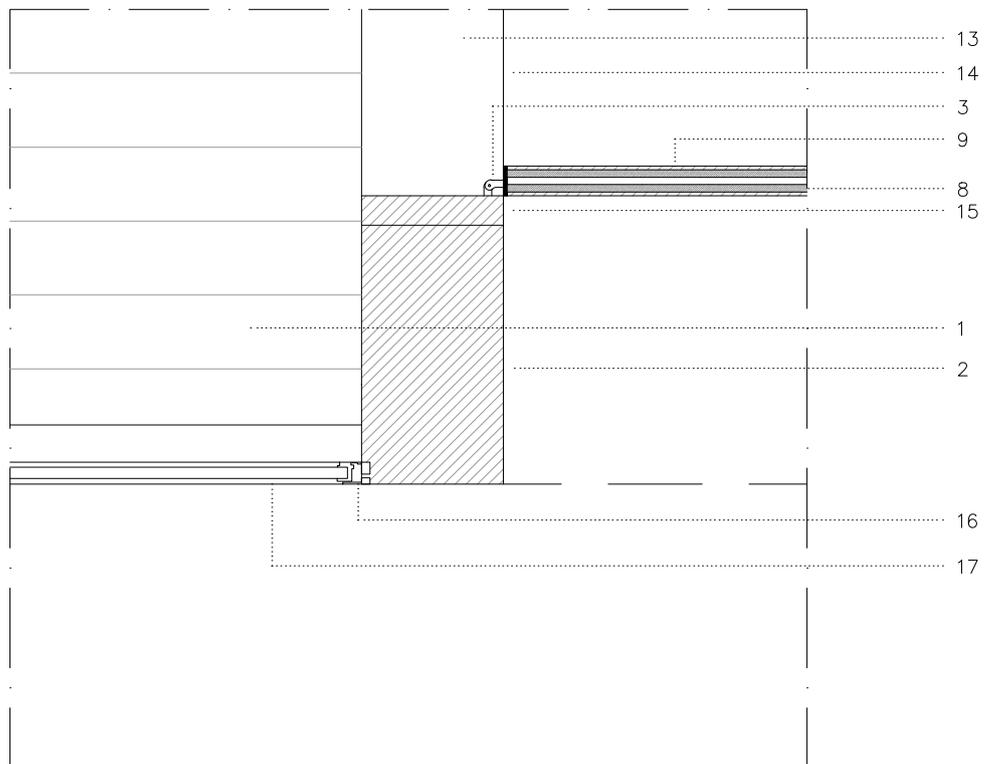


Figura 63. Pormenor do vão de entrada do estúdio. Figura 64. Pormenor das paredes do Estúdio.



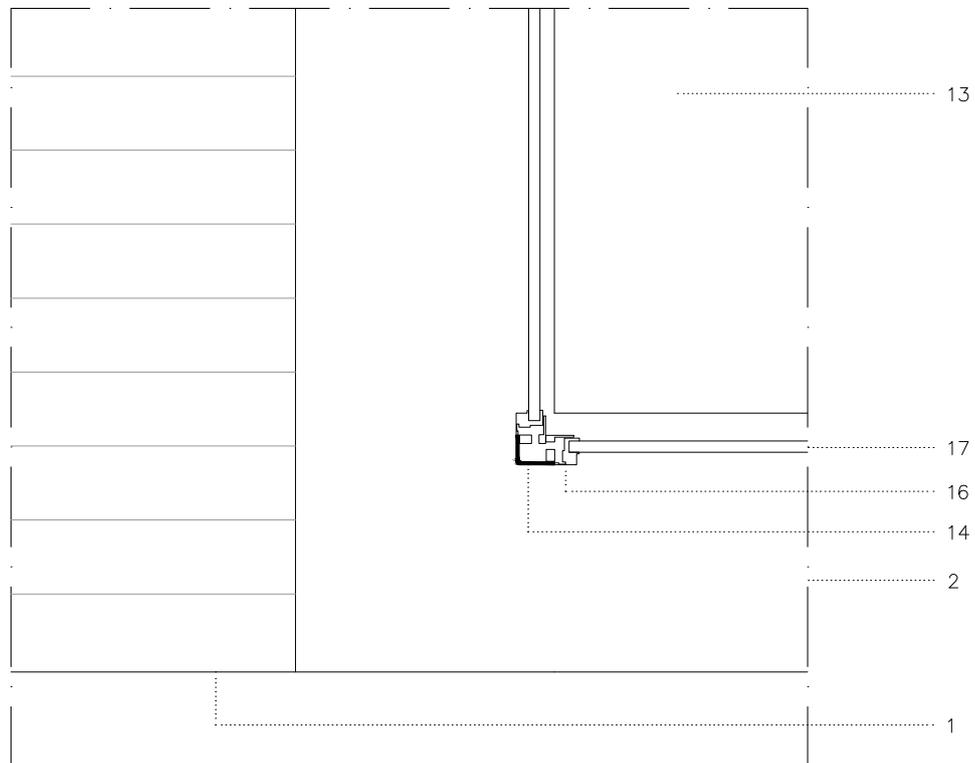


Figura 65. Pormenor do vão de entrada do atelier. Figura 66. Pormenor da uma esquina do atelier

LEGENDA

1. Pavimento em Betão com esterotomia de ripado.
2. Parede de Betão Armado à vista.
3. Dobradiça oculta.
4. Montante em madeira maciça.
5. Isolamento térmico em espuma rígida poliestireno extrudido 30mm, Wallmate.
6. Isolamento acústico lã de rocha, 4mm.
7. Ripas de madeira 8mm.
8. Placa OSB 10mm.
9. Reboco.
10. Soalho.
11. Perfil metálico U 76mm x 38mm.
12. Reboco com acabamento em microcimento.
13. Betonilha afagada.
14. Junta metálica 2mm.
15. Moldura em betão.
16. Caixilho em ferro pintado.
17. Vidro duplo.
18. Betão compactado com gravilha.
19. Agregados
20. Camada de regularização.
21. Tela drenante e Geotêxtil .
22. Seixo Rolado.
23. Dreno.